



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

OCUPAMINC RJ

CARLA FARIAS OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

OCUPAMINC RJ

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

CARLA FARIAS OLIVEIRA

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivana Bentes Oliveira

RIO DE JANEIRO

2019

FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Carla Farias.

OCUPAMINC RJ. Rio de Janeiro, 2019.

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) –

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a Ivana Bentes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **OCUPAMINC RJ**, elaborada por Carla Farias Oliveira.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ____/____/____

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Dra. Ivana Bentes Oliveira

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação - UFRJ

Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Henrique Antoun

Pós-doutor em Cultura e Tecnologia no McLuhan Program da Universidade de Toronto/Canadá

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Amaury Fernandes

Pós-Doutor em Comunicação pela Universidad Nacional de Quilmes - UNQ/Argentina

Departamento de Comunicação – UFRJ

RIO DE JANEIRO

2019

OLIVEIRA, Carla Farias. **OCUPAMINC RJ.**

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ivana Bentes Oliveira. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

RESUMO

Em resposta ao impeachment da presidenta da república Dilma Rousseff, quando seu substituto, Michel Temer, decreta a extinção de 9 ministérios, entre eles o da Cultura, acontece a insurgência de uma rede de ocupações artístico-culturais que tomam as sedes do MINC e FUNARTE por todos o país. Entre elas, a OcupaMinC RJ, fenômeno que promove o hackeamento das estruturas formais de poder, e como um verdadeiro laboratório de inovação cidadã, no uso de metodologias de economia colaborativa, visibiliza e potencializa os novos sujeitos do discurso, na ocupação de territórios físicos, como o Palácio Gustavo Capanema e o prédio do antigo Canecão na cidade do Rio de Janeiro, e também, das mídias digitais e do imaginário coletivo. Em um processo pedagógico, de vivência imersiva e intensiva, no intuito de formular um modelo de convívio que corresponda aos conceitos de democracia plena, o saldo é: uma grande rede progressista de arte, mídia e ativismo que existe até hoje.

Palavras chaves: ocupação; inovação cidadã; economia colaborativa; redes; ativismo. .

/

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Gilberto Gil, Portinari e todos os trabalhadores da Cultura que lutam diariamente para ter seu ofício reconhecido e respeitado mesmo em tempos tão sombrios. A Paulo Freire, um dos maiores educadores de todos os tempos. A todos os ocupantes que com muita coragem buscam garantir o direito à cidadania, educação e cultura. À Marielle Franco, a Rafael Braga, a Amarildo, à Preta Ferreira, aos povos indígenas originários, às famílias do MST e MTST, cujas lutas não podem ser apagadas. À Dilma Vana Rousseff, primeira mulher a assumir a presidência do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todes sereias, cavalos marinhos e estrelas do mar que me ensinaram o verdadeiro significado da palavra “democracia”.

Aos meus mestres da Escola de Comunicação da UFRJ que me proporcionaram a oportunidade de um desenvolvimento mais crítico em torno da realidade. E em especial à professora Ivana Bentes, com quem pude, através da graduação, pesquisa e extensão, aprender e vivenciar o real significado da palavra universidade.

Às políticas de ação afirmativa que me possibilitaram fazer parte desta instituição.

A todos os amigos que cultivei no Rio de Janeiro, que me acompanharam e colaboraram nessa estrada de autoconhecimento e mudanças. Em especial à Cláudia Duarte que me estimulou a desenvolver um olhar mais generoso sobre mim mesma.

E, por fim, à minha família, que me proporcionou amor e desafiou, para que eu sentisse sempre esse ímpeto de buscar novos caminho.

*[...]este é o tempo de ocupar
os coletivos espaços
e neles forjar os aços
de um futuro que presente
– este é o tempo de ocupar
o moinho improdente!
este é o tempo de ocupar
os vãos sem voz, sem palavras,
os campos sem pás, sem lavras,
as fábricas em ruínas
– este é o tempo de ocupar os sonhos e as
oficinas!*

*este é o tempo de ocupar
as jaulas de lousa e giz,
de interceptar o juiz que desmorona o direito
[...]este é o tempo de ocupar
as praças e os horizontes,
palácios, desejos, pontes,
se abraçar e resistir
– este é o tempo de ocupar estradas por onde
rir!*

*[...]este é o tempo de ocupar
cidades e defendê-las!
este é o tempo de ocupar
cada fração do relógio,
não temer o golpe, o ódio
dos autocratas senis
– este é o tempo de ocupar o ar e o chão do País!*

(Marcos Bagno, 2016)¹

¹Disponível em: < <https://medium.com/palavra-ocupada/poema-de-marcos-bagno-9a13956115b6>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO

2 - A DEMOCRACIA É DITADURA DISFARÇADA?

2.1 - Contexto histórico

2.2 - As Jornadas de 2013 e o avanço neoliberal

2.3 - Com o Supremo, com tudo

3 - #OCUPATUDO - CULTURA, TERRITÓRIO E DEMOCRACIA

3.1 - Cultura de Luta

3.2 - Insurgência das @ocupas culturais

3.3 - Quem é essa tal de Ocupa?

3.4 - O Palácio da Cultura - Capanema

3.5 - Ressurreição do MINC

3.6 - O Lado B dos Jogos Olímpicos - Abre Canecão!

4 - OCUPAÇÃO, TERRITÓRIO E DEMOCRACIA

4.1 - Ocupar, um direito.

4.2 - Ocupação e comunicação.

4.3 - Metodologias da ocupação

4.3.1 - Ocupação versus outras metodologias

4.3.2 - GTs - Grupos de Trabalho e outras estratégias funcionais

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

7 - ANEXO 1 - MANIFESTO OCUPAMINC RJ

8 - ANEXO 2 - MINI-MANUAL TÉCNICO PARA A COMUNICAÇÃO OCUPAMINCRJ

1 - INTRODUÇÃO

Ao receber a notícia da ocupação do Palácio Gustavo Capanema, sede do Ministério da Cultura, não pretendia fazer a escrita de um trabalho. Não imaginava que participaria ativamente do processo e muito menos quão longe a OcupaMinC chegaria ou o quanto aprenderia com ela. Percebi apenas a necessidade de ouvir de perto as razões apresentadas pelas pessoas que tiveram tamanha ousadia de ocupar um palácio sede de ministério, batendo de frente com toda institucionalidade formal para lutar por um ideal de Estado democrático. Enquanto agente cultural, imaginei que ali encontraria um reconhecimento do entendimento que compartilhamos sobre o funcionamento da esfera pública e o real valor da Cultura. “Com licença, vocês querem destruir isso aqui, nossos símbolos, nossa subjetividade, nossa riqueza, e não vamos aceitar.” E mais: “Se não têm competência administrativa para gerir junto à população nós temos. Nós somos o MINC.”

Me motivou testemunhar e compreender o processo rico que se apresentava ali: uma efervescência. E, em seguida, arrebatada pela ideia de promover uma verdadeira mudança social acabei me integrando a esse fenômeno, mesmo sem qualquer planejamento definido. Tenho dúvidas se escolhi a OcupaMinCRJ como objeto de estudo, ou se ela me escolheu. Quando vi a oportunidade de sentar ao lado de mediadores de diversos coletivos para aprender com eles suas metodologias, e conviver com grandes produtores que movimentam a cena cultural da cidade do Rio de Janeiro e do país, não pensei duas vezes. Pessoas que produzem conteúdo em meio à crise, em ações de caráter emergencial, fazendo audiovisual, mídias sociais, coberturas jornalísticas através do fotojornalismo e das transmissões via *streaming*, era como um verdadeiro estágio e extensão, para além da causa maior do movimento.

Precisei parar para conseguir compreender que episódio teria sido esse, não só para história política do país, mas também como experiência que atravessa todos os sujeitos que se engajaram nessa vivência. Novos sujeitos do discurso, cidadãos. Inclusive eu.

Através de uma potente vivência de imersão e no uso de processos de economia colaborativa, a OcupaMinC RJ se revelou um verdadeiro Laboratório de Inovação Cidadã.

Então, para fins de registro no campo acadêmico e como exercício de reflexão, farei aqui um breve resgate inicial de memória, e sistematizarei algumas informações com o olhar

de observadora participante desse fenômeno sócio- artístico-cultural, situando-a no contexto do Brasil de hoje.

No primeiro capítulo farei um apanhado de contextualização histórica que antecede o surgimento da OcupaMinC, posto que ela é uma reação ao sistema autoritário que se estabelece no Brasil em 2016. Mostrarei então em “Jornadas de 2013 e o avanço do neoliberalismo no Brasil”, que o avanço do neoliberalismo se deu através de um projeto de cooptação das subjetividades da população, transformando o sentimento de indignação de muitos em uma cultura do ódio crescente contra o PT – Partido dos Trabalhadores, que se voltou em ataque direto à gestão de Dilma Rousseff, reeleita em 2015. Utilizarei como referência Manuel Castells, em seu livro Rede de Indignação; e Ivana Bentes, que fala de forma ampla sobre essa “mídia-multidão”, estratégias de redes, cultura e sistemas de poder.

Na segunda parte deste capítulo, “Com o Supremo, com tudo”, relacionarei através de várias referências em links de reportagens, transmissões de audiências da Câmara e do Senado, comunicados oficiais, transcrição de áudio transmitida em jornais, etc, situações que mostram que houve um grande trabalho de cooperação entre a classe média conservadora, a mídia hegemônica, o parlamento, e a justiça na criação de um arcabouço narrativo que buscou legitimar o impeachment da presidenta, colocando através de “um grande acordo” Michel Temer no poder. A sua primeira atitude quando assume é a tentativa de extinção de 9 ministérios extremamente simbólicos, como o da Comunicação, o das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, e entre eles também o Ministério da Cultura - MINC.

No segundo capítulo, “#Ocupatudo – Cultura, Território e Democracia”, em “Cultura de Luta” falarei de conceitos e da importância da cultura como campo do conhecimento, e sobre políticas públicas de cultura como necessidade básica para oxigenação e estruturação da sociedade, para validar a motivação da luta desse movimento contra a inversão de valores na criminalização e no desmonte desse setor. Para tal, usarei conceitos teóricos do antropólogo Clifford Geertz que destaca a essencialidade das expressões humanas ignoradas pela visão evolucionista. E, consecutivamente, trarei relatos, análises e considerações feitas por Ivana Bentes - ex-secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do MINC - em seu ensaio “#Ocupa Tudo! Extinção, ressurreição e insurreição da Cultura”, sobre políticas públicas de cultura, a sua importância para a democracia no Brasil e sobre as formas que elas devem ser aplicadas para potencializar e valorizar toda a pluralidade de expressões e diversidade cultural do nosso povo, em contraposição ao “ataque cognitivo e político” do novo presidente; Alexandre Santinni, ex-diretor de Cidadania e Diversidade do Ministério,

em “Cultura Viva Comunitária - Políticas Culturais no Brasil e América Latina”, para falar sobre a importância dos programas deste ministério na regionalização das ações através do Programa Cultura Viva; e também, Leonardo Secchi para reforçar as falas sobre políticas para grupos minoritários e a preservação da memória de uma cultura não mercadológica.

Na segunda parte ainda deste capítulo, “Insurgência das @ocupas culturais” contarei sobre o surgimento das ocupações artístico-culturais, que eclodem em rede nos 27 estados do Brasil, como resposta às atitudes antidemocráticas do governo e contra a extinção do ministério. Mais uma vez utilizarei referências de Bentes e Castells para falar sobre a organização desse movimento em rede, que utiliza metodologias similares aos movimentos de novo tipo e da própria experiência das Jornadas de 2013 para criar um hackeamento das estruturas formais de poder. E também, o antropólogo Garcia Canclini, em “Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento” para falar que as cidades não são ocupadas apenas fisicamente, mas também por cartografias mentais e emocionais.

Na terceira parte, “Quem é essa tal de Ocupa?”, explicarei o que é o fenômeno OcupaMinC RJ dentre essas ocupações no Brasil em 2016, que se transitou até hoje por 4 fases, duas de ocupação física, uma como movimento social, e, por último, como Rede de mídia, arte e ativismo - como é até hoje. Farei relatos do que é essa ocupação através dos métodos de observação participante, enquanto integrante. Explicarei um pouco sobre sua forma, composição, valores e mecanismos.

A quarta parte, “O Palácio da Cultura”, será sobre chegada dos ocupantes no Palácio Gustavo Capanema inaugurando todo esse ciclo. Apresento o manifesto que passa a representar oficialmente as ideias e as pautas defendidas pela OcupaMinC, no surgimento da campanha #ForaTemer. Faço a narrativa de episódios ocorridos no Palácio e toda a efervescência cultural que se manifestou como num oásis na cidade do Rio de Janeiro, resgatando um pulsar da Cultura tão potente quanto a “Tropicália”², a partir dos anos 60 durante a ditadura militar no Brasil.

Na quinta parte, “Ressurreição do MINC”, contarei sobre o recuo do governo que restituiu o MINC como ministério, e da resistência mantida pela ocupação realizando ações artísticas e midiáticas para dialogar com a população sobre o andamento da questão, sem aceitar acordo com o governo que considerava ilegítimo, até que acontece a reintegração de posse e a levantada do “muro da vergonha”.

²Disponível em: < <https://www.suapesquisa.com/musicacultura/tropicalismo.htm> >. Acesso em 03 de julho de 2019.

Na sexta parte ainda do segundo capítulo, falarei sobre por que a OcupaMinC promoveu “O Lado B dos Jogos Olímpicos”. Além de ocupar a Cultura, na saída do Capanema os novos sujeitos se instalam no prédio do antigo Canecão durante a realização dos Jogos Olímpicos no Brasil, sediados também no Rio de Janeiro. Apresentarei reportagens e vídeos da página da própria OcupaMinC para ilustrar a reabertura da antiga casa de shows - espaço público fechado, pertencente à UFRJ - onde a ocupação assume outra forma, aprimorando suas metodologias para construir um novo modelo de governabilidade e resistir conjuntamente aos episódios na continuidade do Golpe no país. Inaugurando os “Jogos Olímpicos Democráticos”, Chico Buarque aparece de surpresa no palco do Canecão e canta “Apesar de você” contra a gestão do presidente ilegítimo no consagrado palco que por mais de 40 anos conta a história da música popular e da cultura no Brasil.

No quinto capítulo, “Ocupação, Território e Democracia”, na primeira parte entrarei na questão da legitimidade das ocupações enquanto direito, baseado na própria Constituição Brasileira, contra toda criminalização existente em torno desse processo. Na segunda, em “Metodologias de Ocupação”, falarei sobre a diferença da sua efetividade em determinadas situações, em comparação a outras metodologias de luta popular como a greve ou as paralisações. E, por último, sobre os “GTs - Grupos de Trabalho e outras estratégias funcionais” que possibilitaram a realização dessas ocupações por 4 meses, diante de toda contingência política. Narrarei como as pessoas conseguiam se organizar de acordo com as demandas logísticas, físicas e virtuais, para concretizar o convívio, através de ações de cooperação em um processo de economia colaborativa.

Por fim concluo que o processo de ocupação foi um verdadeiro Laboratório de Inovação Cidadã que objetivava a construção de um modelo de governança de micro-sociedade, e usando tecnologias mistas, inclusive de conceitos *Peer to Peer*, findou por criar uma verdadeira rede na qual a OcupaMinC RJ consiste até hoje.

2 - A DEMOCRACIA É UMA DITADURA DISFARÇADA?³

A OcupaMinC RJ surge como resistência imediata ao ataque contra o Estado de direito brasileiro em 2016. Um Golpe Civil-Parlamentar-Jurídico-Midiático que destituiu a primeira mulher eleita à presidência da república, Dilma Vana Rousseff, PT-MG, com mais da metade dos votos da população brasileira, sem que haja provas contundentes do cometimento de um crime; e coloca em seu lugar um presidente interino, Michel Temer, PMDB-RJ, preso agora em 2019 por corrupção passiva e acusado também em outros processos. O primeiro ato da sua antipolítica foi inaugurar um desmonte de tudo o que havia sido conquistado pelos trabalhadores da Cultura em pelo menos três décadas de luta, decretando a simbólica e violenta extinção do MINC, Ministério da Cultura, para transformá-lo em uma pasta de Secretaria, sem autonomia submetida ao MEC, Ministério da Educação, paralisando repentinamente as atividades e as políticas que estavam em andamento.

A constatação dos que vieram a ser integrantes da ocupação é de que esse processo foi completamente construído como um projeto político neoliberal de desmonte dos direitos da população brasileira. A OcupaMinC RJ foi uma das primeiras a reconhecer e comunicar a real conjuntura de avanço de um Estado autoritário no Brasil.

Para compreender seu posicionamento, que é questão fundamental para seu estudo enquanto objeto, é necessário fazer uma breve retrospectiva dos fatos que antecedem a sua formação e culminaram nesse impeachment já que ela é uma resposta antagônica a todos esses aspectos.

2.1 - Contexto Histórico

Todos nós seremos julgados pela história (ROUSSEFF, Dilma)⁴

Desde 2013, a história política e a imagem do Brasil tem dado enormes reviravoltas. Sob discussões intensas a respeito dos processos de representatividade e somado às novas

³ Faz referência à música “Democracia”, da cantora Doralyce, integrante da OcupaMinC RJ, onde ela questiona a forma dos sistemas de poder. Também faz referência a um evento homônimo que ocorreu no Canecão, onde se discutiram políticas públicas para a cidade do Rio de Janeiro. Falo mais adiante sobre isso no capítulo sobre o Canecão, O Lado B das Olimpíadas. Segue o link da música. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/doralyce/a-democracia/letra/>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

⁴ É a famosa frase dita por Dilma Rousseff durante o julgamento do impeachment, que pode ser encontrada nos registros oficiais da audiência, ou também nas imagens do filme “Democracia em Vertigem”, 2019, de Petra Costa disponível agora na plataforma Netflix. Segue o link do trailer. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vwZ5m10y1rQ>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

tecnologias comunicacionais em rede, a população brasileira passa também a participar mais ativamente da rotina política do país, não mais somente a cada eleição.

Nessa época, os jornais internacionais haviam passado a tratar o país do Carnaval e Futebol também como um ambiente estável para negócios, turismo ou moradia; divulgavam os grandes avanços sociais, como a erradicação da fome e o aumento da qualidade de vida da população, através da diminuição das taxas de pobreza e desigualdade social, e era notória ampliação das políticas de cultura e educação através de ações afirmativas que promoviam a inclusão social na aplicação dos princípios de isonomia, tudo isso como legado da gestão de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores, que se deu de 2003 a 2011. Em sua linha de sucessão, então, Dilma Vana Rousseff, também do PT, assume a presidência e atravessa uma fase em que o mundo passou a conviver com uma grande crise econômica. É quando ela toma uma decisão menos conciliadora que o ex-presidente, passa a confrontar diretamente os interesses da burguesia do país, torna polêmicas as questões em torno da sua popularidade, e traz informações sobre sua gestão que eram interpretadas com vieses bastante antagônicos.

A partir de 2013, nem a imprensa internacional, nem os brasileiros conseguiam ter uma compreensão clara do que estava realmente se passando no Brasil, era evidente apenas a eclosão de uma grande polarização.

2.1.1 - As Jornadas de 2013 e o avanço do projeto neoliberal no Brasil

Em junho iniciam as “Jornadas de 2013”, momento em que a população brasileira foi às ruas legitimamente reivindicar por mais direitos, questionar a aprovação de projetos de lei, reclamar do preço das passagens de ônibus⁵, pedir por uma reforma política e o combate à corrupção, entre outras pautas. Isso se deu por meio de uma articulação descentralizada que efervesceu a partir das redes na internet, principalmente nas páginas de eventos e comunidades criadas no Facebook, que possibilitaram a comunicação de as pessoas que passaram a se auto-organizar de acordo com as pautas que tinham interesse. Seguindo o exemplo dos movimentos de novo tipo (CASTELLS, 2013) surgidos em outros países do mundo, como o 15M, o *Ocuppy Wall Street*, e a Primavera Árabe, articularam a ida às ruas

⁵ Ver MPL - Movimento Passe Livre, movimento sem liderança surgido no Fórum Social Mundial em 2005, protagonizado por diversos estudantes Brasil a fora que defendiam a queda da cobrança das passagens de ônibus, e que em 2013 iniciou a Revolta do Buzu. No caso do Rio de Janeiro, por causa do aumento dos 20 centavos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Passe_Livre>. Acesso em 03 de julho de 2019.

em atos e manifestações. Porém a coisa se agravou, acirrada por ações de abuso de autoridade e violência policial na repressão contra os manifestantes. A sensação de indignação foi crescente. As pessoas se dividiram por bastante tempo numa dicotomia entre o reconhecimento da livre expressão ou a criminalização dos manifestantes, que passaram a ser conhecido como “vândalos” ou “baderneiros”, com o grande apoio da mídia hegemônica, principalmente da Rede Globo, maior emissora de TV no Brasil, que atribui um sentido negativo aos protestos com base nas ações de confronto entre *black blocs*⁶(BENTES,2015) e policiais. Como se houvesse uma dualidade tão rasa assim, “bandido *versus* mocinho”.

O fato é que, como saldo, uma boa parcela da população se colocou contra o Estado ou contra o governo de forma indiscriminada sentindo-se lesada, seja por demandas ou pela repressão. As ruas afirmavam que “o Gigante havia acordado”, comovidos por sensação de uma nova consciência política que passou a fazer parte do cotidiano do brasileiros como por um estalo.

Existiram muitos pontos positivos resultantes desse momento histórico do nosso país, como o surgimento de contra-narrativas através da potência das redes e do midiativismo, no que Ivana Bentes chama de “mídia-multidão”, com destaque aos mecanismos e metodologias apresentados pela Mídia Ninja(Narrativas Independentes Jornalismo e Ação) na cobertura dos protestos, passando a ser precursores de uma crescente rede de midiativismo no Brasil que passou a fazer uso desses aparatos tecnológicos de forma similar. “Não está satisfeito com a mídia, seja a mídia”, diz Ivana Bentes. Ressaltando que mais tarde eles vem a ser um dos coletivos integrantes e fundadores da OcupaMinC RJ.

Várias demandas citadas nas reivindicações foram atendidas, como o arquivamento da PEC que limitava o poder de investigação do Ministério Público, o fim de voto secreto para cassação de mandato parlamentar, o arquivamento do projeto da Cura Gay, e até a criação do Mais Médicos⁷, por exemplo.

Buscando superar as contradições, Dilma aprovou várias medidas que confrontavam os poderosos, grandes detentores do capital no país. Depois de comprar briga com os bancos, desde 2012 - onde iniciou uma cruzada pela redução de taxas de juros e impostos, considerados exorbitantes pela população - para ampliar as mecanismos contra a corrupção e o crime na gestão pública, Dilma apoiou a Operação Lava-Jato e assinou a Lei da Delação

6

⁷ Disponível em: <<http://www.maismedicos.gov.br/conheca-programa>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

Premiada⁸. Essa lei define que criminosos - nesse caso os políticos pegos nos esquemas de corrupção - poderiam conseguir benefícios, a critério do parecer de um juiz, caso colaborassem com as investigações delatando o esquema dessas organizações criminosas. Não demorou muito para ela própria declarar em entrevista⁹ que cometeu um erro ao assinar o documento sem desenvolver uma tipificação mais detalhada e cuidadosa. Segundo ela, abriu margem para que ele se tornasse no futuro “uma arma de arbítrio e exceção”.

O que muitos não esperavam foi que da mesma forma que surgiu a ocupação das redes sociais por uma camada progressista, houve nos anos seguintes um grande e inesperado levante conservador nas ruas, e hoje é possível perceber como essa crise de representatividade deixa de ser a razão principal dos protestos, e aos poucos dá lugar a outros interesses.

Por um lado houve um maior interesse de uma parcela da população pela comunicação sem intermediários - “nós somos a mídia” ou “somos a rede social” - e pelas questões da gestão pública na busca de um melhor entendimento da máquina administrativa do país, sem esperar períodos eleitorais; por outro, a partir de 2014 o conservadorismo inicia a demonização dos processos políticos no país:

Em 2014, chegamos ao clímax de uma campanha eleitoral que reflete uma cultura de criminalização que produz uma ativa rejeição da política, apresentada cotidianamente em narrativas midiáticas que ficcionalizam as notícias e novelizam a política, com reiteradas associações da política e dos políticos com corrupção, ilegalidade, traições, intrigas. Uma memética negativa que afasta e despolitiza muito do que realmente está em jogo: interesses econômicos, especulação contra a vida, a privatização das riquezas, o moralismo e conservadorismo em que se assujeitam minorias e diferenças. (BENTES, 2015, p.167)

Em paralelo à juventude dos movimentos progressistas, surgem grupos neoliberais como o MBL - Movimento Brasil Livre¹⁰ e o Vem Pra Rua, que cooptam não só os nomes,

⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112850.htm>. Acesso em 20 de maio de 2019.

⁹ Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/infelizmente-assinei-a-lei-da-delacao-premiada-diz-dilma/>>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

¹⁰ O MBL surge em 2014, fazendo-se apropriando de diversos signos, a começar pelo seu nome que faz uma clara referência ao MPL, Movimento Passe Livre. Se auto-intitulando protagonista das ações da rua, como bem pode ser confirmado no trailer recente do seu filme “Não Vai Ter Golpe”, anunciado para setembro, e cujo

mas esse sentimento de insatisfação da população com relação aos problemas econômicos, e aproveitaram para transformar isso num grande projeto para minar a imagem do Partido dos Trabalhadores, promovendo um sentimento de justicamento, reações de ódio e intolerância, que buscava ignorar qualquer particularismo histórico, anulando as ingerências e insucessos das antigas gestões, como a do PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira. Transformaram o PT no único culpado dos problemas da população, o inimigo da nação, concentrando nele todas as críticas com relação à corrupção no país.

Foi o início da grande polarização e ataques agressivos não só à gestão, mas à própria presidenta enquanto mulher, criando símbolos ofensivos associados à sua imagem e argumentos sexistas nas críticas ao seu temperamento e postura, o que com o tempo passou a chamar atenção do movimento feminista. Enquanto ela perdia popularidade com os fundamentalistas, ganhava um pouco mais entre as mulheres. Ao mesmo tempo iniciou-se uma perseguição pontual ao ex-presidente Lula, por receio de que ele viesse candidato futuramente. Apesar de tudo, Dilma vence Aécio Neves nas eleições em 2014 e se reelege com mais de 54 milhões de votos.

Em uma grande articulação neoliberal, de 2014 para 2015 as reivindicações por mais direitos saíram do patamar de diálogo, e passaram a discursos inflamados envolvendo argumentos arcaicos e anacrônicos de violência, ofensas, misturadas a uma moral fundamentada em argumentos religiosos, conservadores, e misóginos, ainda cobertos de verde-amarelo fazendo referência a uma simbologia nacionalista, porém com um comportamento que mais se assemelha até hoje ao de uma caricatural torcida de futebol. Das críticas aos gastos públicos realizados para a realização da Copa do Mundo no Brasil, que tinham como lema era a frase “Não Vai Ter Copa!” os grupos neoliberais cometeram a apropriação dessa sensação de nacionalismo, convidando as pessoas a bater panelas e vestir-se de verde-amarelo para novos atos, desta vez contra o PT. Usaram de toda simbologia possível. Usaram nas manifestações grandes símbolos, como o pato gigante da campanha “Não Vou Pagar o Pato”, criada pelo empresário Paulo Skaf, presidente da Fiesp, e Renato Pereira; e o Pixuleco, um grande boneco que representava o presidente Lula vestido de

nome também é uma apropriação do “Não Vai Ter Copa”. O próprio uso da palavra “Livre” já se apropria também de uma questão que é direito básico de todo cidadão, e faz confundir as pessoas que passam a fazer de forma subconsciente a associação entre liberdade e liberalismo econômico. Seus integrantes hoje exercem cargos políticos e já foi amplamente divulgada sua ligação com o PSDB. Da mesma forma, o “Vem pra Rua” surge se utilizando das palavras de ordem das manifestações. “Vem, vem pra rua vem”, assim os manifestantes convidam os moradores dos prédios a participar. Esse vídeo configura bem o surgimento do MBL: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yHgVcDZumjw>>. Acesso em 03 de 2019.

presidiário. Desde então, o uso da camisa da seleção brasileira passa a ser confundido com um tipo específico de posicionamento político ultraconservador, e surge ao poucos em atos de micro-fascismo(BENTES, 2015) o embrião de um sistema antidemocrático fascista. As marchas eram “contra corrupção”, como se quem se opusesse à sua forma de pensamento não o fosse também. O próprio nome do movimento Brasil Livre toma esse conceito de livre, como se do outro lado não pudesse sê-lo, criando uma confusão na cabeça das pessoas com relação à liberalismo com liberdade.

Em torno de clichês essa demonização da política se torna cultura de ódio¹¹, e as narrativas provocam o imaginário coletivo gerando comoção e disputando esse local de construção de estratégias de poder, capaz de mobilizar multidões.

Voltaram de forma mais explícita os velhos argumentos rasos sobre comunistas e esquerdistas como sendo todos bandidos “petralhas”, ainda que não fossem do PT. Até hoje alegam que tudo que é vermelho, ou de esquerda, afeta indiscriminadamente a nacionalidade, em grandes boatos sobre subverter a ordem e o progresso do país através do socialismo. Argumentos empobrecidos e empobrecedores, cheios de memes e clichês, que buscam descredibilizar de forma rasa a construção de um pensamento crítico, afastando de uma verdadeira possibilidade de educação do povo e dos seus sujeitos políticos.

A empreitada parecia muito clara, estimular as pessoas a descontar suas frustrações de uma forma desqualificada e intolerante em um alvo específico, e assim destruir as possibilidades de se reerguer não só o Partido dos Trabalhadores, mas o processo democrático no Brasil, para manutenção dos privilégios da velha política, revestida de nova. Uma parcela da população até hoje não compreende que houve uma tomada ilegítima do poder pelos grupos de neoliberais. Outra também, hipnotizada pelo ódio ao PT ainda sim não se importa. O que é confuso é que alguns partidos de esquerda que lhe faziam oposição também, e críticas por ter ficado mais ao Centro que à esquerda, se somaram na demonização inicialmente, até perceberem que se tratava de um projeto maior, não só de derrubada de uma gestão, mas do Estado democrático em si. Até que se dessem conta, muita coisa aconteceu no fortalecimento do avanço autoritário. Esse tema da necessidade de “união das esquerdas” se tornou um assunto polêmico que parece ainda estar suspenso no ar até hoje.

¹¹ Esse vídeo ilustra muito essa situação, onde mostra os discursos de ódio aplicados nesses novos atos neoliberais, onde reivindicações concretas dão lugar a falas incoerentes, de instabilidade emocional, intolerância e violência. O próprio título fala por si: Dilma Sua Maldita, Desgraçada Eu Odeio Você E Toda A Sua Corja. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X_WETO_N0lg>. Acesso em: 24 de novembro de 2017.

2.1.2 - Com o Supremo, com tudo - o “grande acordo”

Alguns alegam que a motivação para a queda de Dilma foi sua impopularidade no Congresso e a crise econômica, afinal ela não tinha a maioria favorável da bancada, em contraposição a uma articulação firmada por políticos poderosos que faziam parte desses esquemas, sob organização do até então presidente da Câmara Eduardo Cunha, PMDB-RJ, que entrou com o processo de impeachment contra ela em 2015, em coadunação também com o candidato vencido nas urnas, Aécio Neves, PSDB-MG, que não se contentava com os resultados da eleição e com as ações da Operação Lava Jato¹².

No fim, tudo não passou de um “grande acordo”.

Em julho de 2015, na convenção do PSDB¹³ Aécio afirmou: “Não perdemos a eleição para partido político, e sim para uma organização criminosa que se instalou no seio do Estado nacional.” Em 2017, foi revelado nas investigações um áudio extremamente comprometedor com o Joesley Batista, dono da JBS, onde acordava recebimento de propina, onde ele afirmava inclusive que o mensageiro dessa negociação precisava ser alguém que pudesse matar antes de realizar alguma delação; e sobre obstruir a Lava-Jato, porém, ele continua em liberdade, e foi eleito deputado federal novamente pelo estado de Minas Gerais.

O episódio em alegam comprometimento de Dilma se dá em março de 2016. Ela havia decidido convidar o ex-presidente Lula para assumir a função de Ministro Chefe da Casa Civil. Ele já era investigado pela operação, sob suspeita de favorecimento em negociações financeiras na Petrobrás, recebendo um apartamento triplex em Guarujá, mas não havia nenhum documento que comprovasse isso, ou testemunhas, como até hoje, e sequer nenhuma delação ainda contra ele¹⁴. O juiz de primeira instância de Curitiba, Sérgio Moro então,

¹² Aécio foi exposto pela Operação Lava Jato em uma gravação de áudio feita em março de 2017, onde acordava o recebimento de propina com Joesley Batista, um dos donos JBS, uma das maiores empresas de agronegócio do país, inclusive citando a possibilidade de matar a pessoa que fizesse a negociação do valor para que não tivesse tempo de fazer a delação premiada. Na segunda parte do áudio, ele critica a indicação de delegado feita pelo ministro, Osmar Serraglio, sobre a necessidade de fazer a escolha de 10 delegados para a operação com intuito de proteger seus interesses. Ele continuou livre, apenas foi afastado no final do seu mandato no Senado, mas foi reeleito como deputado federal em 2018 por Minas Gerais. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/10/1927911-relembra-trechos-dos-dialogos-entre-aecio-e-joesley.shtml>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

¹³ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/em-convencao-aecio-diz-que-dilma-nao-concluiu-mandato-faz-apelo-por-unidade-no-psdb-16667961>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

¹⁴ Leo Pinheiro, da OAS, mudou seu depoimento 2 vezes, para obter um acordo de delação premiada acusa o PT e o presidente Lula de possuírem uma conta informal, para recebimento de propina, ainda que não tenha conseguido apresentar nenhuma evidência concreta disso. Através de uma apresentação feita por um powerpoint onde aparece o Lula no meio de um organograma de um esquema de corrupção, o juiz Sérgio Moro decretou sua prisão, sem direito a *habeas corpus*. Em seguida sua pena foi aumentada para mais de 12 anos, enquanto

quebrou imediatamente seu sigilo telefônico. Utilizando um grampo não autorizado pela justiça, gravou uma ligação da presidência da república e em menos de 5 horas, um diálogo entre a presidenta Dilma e o ex-presidente Luíz Inácio Lula da Silva, foi parar na televisão, veiculado pela Rede Globo, que divulgou já no início da noite como se fosse algum furo de reportagem, e como se houvesse algum grande ato ilícito ali praticado pela chefe de Estado. No áudio Dilma informava à Lula que estava enviando o termo de posse para que ele assinasse, para o caso de ele não poder comparecer à cerimônia¹⁵ de posse para assumir o novo cargo de ministro. Óbvio que existem fortes divergências na leitura desses fatos políticos, houve uma nítida construção simbólica para dialogar com a subjetividade da população gerando uma intensa comoção nacional. As pessoas se arrebatam e engajam não especificamente por fatos concretos, mas pela versão que corrobora com suas crenças e ideais. Não é a toa que em 2016, “pós-verdade”¹⁶ foi eleita a palavra do ano pela Universidade de Oxford.

Noticiaram como prova, algo que não comprova nada, e que ainda não havia ainda sequer sido exposto nas instâncias formais da justiça para ser considerado ou desconsiderado como tal. E a maneira como isso foi obtido e divulgado foi um grande ataque às questões de soberania nacional, para além da ilegalidade da ação, quando não cabia a um juiz de primeira instância fazer interceptação de telefonemas da presidenta da república, sem sequer que isso fosse autorizado pela justiça. Publicaram rapidamente, sem filtro algum, o diálogo conseguido ilicitamente. A postura da maior rede de comunicação do país, que alega se utilizar de neutralidade, estava totalmente comprometida nessa ação de tomada do poder. A Globo trouxe o assunto a público em caráter claro de denúncia, insistentemente atribuindo uma relevância ao fato como se tratasse de alguma medida sorrateira para criar um álibi para Lula através do fórum privilegiado, se antecipado para o caso de tentarem realizar alguma possível detenção.

Pois, sem nunca fazer nenhum convite para depor ou intimação, a casa do ex-presidente foi revirada pela polícia e aconteceu o teatro em um episódio onde realizaram sua

Leo Pinheiro teve a sua reduzida, podendo entrar em regime semiaberto em 2 anos e meio. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/vaza-jato-leo-pinheiro-precisou-mudar-versao-para-incriminar-lula-duas-vezes-para-ser-aceito-como-delator/>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

¹⁵ Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/03/lula-recebeu-e-assinou-termo-de-posse-nesta-quarta-veja-documento.html>> Acesso em: 03 de julho de 2019.

¹⁶ Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

“condução coercitiva” para depor, como se ele não tivesse colaborado com as autoridades. Ainda que não fosse culpado de nada, foi uma super espetacularização novelesca consolidando assim uma forte impressão de culpabilidade. O assunto destaque, repetido à exaustão, nos telejornais, e reproduzidos por outras mídias também de direita, como a revista Veja, que transformaram o juiz Sérgio Moro em celebridade, configurando uma nova imagem de herói, em combate à popularidade de Lula. Usaram a partir daí a opinião pública para impedir que ele assumisse o cargo e o assunto do áudio virou por um tempo o único argumento que indicava alguma suspeita de desvio de conduta cometido por Dilma para afastá-la das suas funções.

O campo progressista protestou contra o que Bentes(2015) chama de “midiocracia”, ou “governo das mídias”. Responsável por uma verdadeira campanha criminalizadora dos movimentos sociais desde 2013, agora, possibilita a definitiva criação da estrutura que possibilitou a produção do impeachment. Por isso os manifestantes sempre definiram o Golpe também como um “golpe midiático”.

O filtro do jornalismo deveria se basear em critérios de noticiabilidade que tem compromisso com o bem comum, não como em acordos publicitários, por audiência, ou tratados financeiros ou sobre concessão do veículo em questão. O papel social que lhe cabe enquanto como mediador do cenário político social, tem a ver com prestar um serviço de utilidade pública, proporcionando informação à população de preferência de forma desalienadora, e não o inverso, servindo a algum propósito de projeto político específico que privilegia apenas a elite, ainda mais em uma situação desta gravidade. É nessa margem de entendimento que muitos abusos são cometidos.

Quando há um monopólio também e essa mídia se torna filtro, passa a conduzir a narrativa massiva de forma a determinar o que é relevante nas questões vigentes na atualidade. Constrói uma autoimagem de credibilidade onde tudo o que ela divulga passa a ser considerado como verdade por uma parcela da população, o que é capaz de gerar comoção e engajamento das pessoas, o que se reflete no cenário político-social. Esse tipo de ação traz muitos prejuízos aos interesses democráticos. Por isso a descentralização da mídia se dá necessária. Está aí a importância da expansão de políticas de regulamentação e democratização da comunicação, favorecendo ao invés de grandes corporações, as mídias comunitárias e livres dos territórios, pequenos canais de comunicação, ampliando as possibilidades de as pessoas ouvirem e verem várias versões, e, importante, também sem os

atravessadores. É importante ampliar o acesso para que a pluralidade se represente, assim como nas redes, onde passaram a antagonizar e fiscalizar os outros poderes.

Analisando esse escopo, o Brasil talvez nunca tenha vivido de fato uma ampla democracia. E o mais perto que chegou disso vem se esfacelando através desse esquema neoliberal capitalista, que usa subterfúgios dentro da própria engrenagem política para consolidar a cada dia seus privilégios. A Operação Lava-Jato começou beneficentemente como a maior operação anticorrupção instaurada no país até hoje, ainda durante o mandato da presidenta Dilma Rousseff. Revelou a existência concreta de uma grande rede de corrupção no sistema político brasileiro, esquemas de propina de diversas espécies, e o envolvimento com grandes empresários em negociações ilegais, em contratos de licitações e em verbas de campanha eleitoral; chegou a punir e cassar diversos deles, tanto de partidos da oposição, quanto da base aliada do governo do PT. Mas hoje, em 2019, há vazamentos, revelados pelo jornal *The Intercept Brasil*, que põe em dúvida também a imparcialidade e intencionalidade dos responsáveis por sua execução¹⁷.

Como não havia conteúdo para incriminá-la produziram um grande marketing negativo contra sua imagem, com base em argumentos desqualificadores e sexistas, e em seguida acusações insustentáveis baseadas na emissão de 3 decretos de suplementação orçamentária, uma prática corriqueira que nunca havia sido considerada ilegal pelo Tribunal de Contas da União; as chamadas "pedaladas fiscais", um atraso no pagamento dos subsídios agrícolas aos bancos estatais.

No período de 15 a 17 de abril de 2016 aconteceu uma sessão¹⁸ no Plenário da Câmara dos Deputados que levou cerca de 53 horas, nela discutiram e votaram o envio de um relatório pró-impeachment da então presidenta Dilma Vana Rousseff do PT - Partido dos Trabalhadores ao Senado. Estava feito, a presidenta eleita em 31 de outubro de 2010 com mais de 55% de votos válidos, e reeleita em 2014 por 54,5%, então foi afastada sob a acusação de improbidade administrativa, por realizar “pedaladas fiscais”, prática considerada comum e regulamentar no prazo em questão quando foi realizada.

Em 29 de abril de 2016, a Comissão de Impeachment ouviu os advogados da acusação e da defesa. Janaína Paschoal, relatora do processo de impeachment, nesta audiência acusa a

¹⁷ Ver série de reportagens “VazaJato”, sobre os vazamentos de áudios da Operação Lava Jato, entre o juiz Sérgio Moro, hoje Ministro da Justiça do governo Bolsonaro, com os procuradores da Operação. Disponível em: <<https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/>>. Acesso em: 03 de julho de 2019

¹⁸ Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/507325-CAMARA-AUTORIZA-INSTAURACAO-DE-PROCESSO-DE-IMPEACHMENT-DE-DILMA-COM-367-VOTOS-A-FAVOR-E-137-CONTRA.html>>. Acesso em 23 de novembro de 2017.

presidenta de descumprir com a Constituição. José Eduardo Cardozo, advogado geral da união, alegou o oposto, que o processo de impeachment não estava sendo realizado em conformidade com a constituição, que não havia crime de responsabilidade, e que tudo passaria de um pretexto por um projeto político o qual ele intitula de “Golpe de 2016”.

Em 15 de abril iniciou-se a maior sessão da história da Câmara dos Deputados, que levou em torno de 18 horas e 55 minutos para aceitar a admissibilidade do pedido. Em 17 de abril foi a sessão final, onde Eduardo Cunha, PMDB-RJ, presidente da Câmara dos Deputados, por falta de apoio do governo em seu processo no Conselho de Ética - declarado em nota pelo PT - antes havia concordado em entrevista que o afastamento de Dilma dessa forma não era coerente, que não se afasta uma líder de governo dessa forma apenas por não estar satisfeito com sua gestão, que isso seria função do povo nas urnas; mais tarde em retaliação mudou de ideia. Como presidente, quebrou os protocolos de neutralidade como presidente da Casa, e votou pelo impeachment dizendo: “Que deus tenha misericórdia dessa nação!”¹⁹ Seus aliados seguiram a mesma linha. Os discursos, principalmente dos deputados da bancada evangélica, exaltavam homenagens à família brasileira e a deus durante o momento de votação no Congresso. Jair Bolsonaro, nesta época filiado ao PSC-RJ, aproveitou a imunidade parlamentar e homenageou o general Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-CODI do II Exército, um dos órgãos atuantes na repressão política durante o período da ditadura militar no Brasil, que foi um dos primeiros acusados pela Comissão da Verdade Ditadura Militar por prática de tortura. Segundo o deputado, “o maior terror de Dilma Rousseff”. A oposição do governo conseguiu 367 a favor, contra 167, então o impedimento foi enviado para o Senado. Festejaram na Câmara e nas ruas, como se estivessem radiantes por ganhar um grande campeonato. Usaram cartazes com a mesma frase dita pelo ex-presidente Lula no áudio, mas com outra entonação, sarcástica: “Tchau, querida!”

Sobre o papel da mídia é importante lembrar que a maior parte dos canais de televisão transmitiram a votação do impeachment de Dilma ao vivo. A Rede Globo atingiu o seu maior índice de audiência de todos os tempos. Registrou-se o acesso de mais de 7 milhões de casas acompanhando a votação. Foram mais ou menos 500 horas ininterruptas de transmissão ao vivo. Em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte colocaram telões nas ruas para assistir o grande espetáculo²⁰.

¹⁹ Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/04/epoca-negocios-que-deus-tenha-misericordia-desta-nacao-diz-cunha-ao-votar-pelo-impeachment.html>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

²⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_impeachment_revela_congre>

Nesse dia ficou evidente como a realidade da Câmara não condiz com a representatividade da população. Mais de 80% do parlamento ali era de homens brancos, pouco mais de 15% se autodeclararam pardos, 4,1% pretos e as mulheres compunham apenas 10% das cadeiras, apesar do projeto para inclusão de 30% de candidaturas femininas. Muitos dos que votaram a favor do impeachment eram ficha suja, ou respondiam por crimes, desde eleitorais a de corrupção, ou má gestão do dinheiro público.

Até a própria senadora Rose de Freitas, PMDB-ES, da base da oposição, antes da votação no dia 22 de abril de 2016, reafirmou pela segunda vez em entrevista para a TV Senado, que não havia crime de responsabilidade²¹. Ela, que fazia parte da Comissão de Orçamento na ocasião, disse que não havia consistência na acusação das pedaladas, e que Dilma estava saindo por outra razão, porque não tinha mais votos para tocar nenhuma matéria no Congresso, o que deixava o país paralisado, sem direção e base para administrar. Ela não tinha forças, assim decidiram por sua substituição. Um depoimento tão esclarecedor, que ainda sim não adiantou muito. A comissão do Senado aceita as acusações, e por 55 votos a 22, alegando “indícios suficientes” de crime de responsabilidade, Dilma é afastada por 180 dias²².

Apesar da fragilidade da acusação, foi sob essa justificativa que Michel Temer, do PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro, assumiu a Presidência da República como interino em 12 de maio, e já assinou de imediato um decreto para extinguir imediatamente 9 ministérios, entre eles o MINC, Ministério da Cultura; e, não menos importantes, também o Ministério das Comunicações, o Ministério do Desenvolvimento Agrário, o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Em uma única investida atacou os campos de construção simbólica da população. Tentou transformar o MINC novamente em apenas uma subpasta de outro ministério, o MEC - Ministério da Educação, gerido na ocasião por Mendonça Filho, que não tem nenhum tipo de afinidade com a área. Um retrocesso incalculável na contramão das conquistas obtidas há 13 anos, através de mais de 30 de lutas por melhorias nas políticas culturais(BENTES,2016).

sso_rm>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

²¹ Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/politica/lider-do-pmdb-no-congresso-confessa-pedalada-foi-desculpa-para-tirar-a-dilma.html>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

²² Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/05/12/senado-abre-processo-de-impeachment-contra-dilma-rousseff>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

Aos poucos, a democracia brasileira foi se revelando um velado regime autoritário, agressivo como não se via desde o Golpe Militar de 1964, mas não estava(e ainda não está) nítido para uma grande parcela da população, afinal não foi uma tomada de poder através de um ato explícito de poder bélico, mas através de um grande acordo²³.

Ainda para situar historicamente, adianto que no dia 16 de maio, quatro dias depois da gesto violento de Temer, que Bentes(2016) chama de “semicídio”, ocorre como resposta a isto, a insurgência das ocupações artístico-culturais, entre elas a OcupaMinC RJ, tema que será tratado no próximo item.

Uma semana depois, em 23 de maio de 2016, veio a confirmação. Dessa vez a interceptação de diálogo foi entre o senador licenciado, e na época novo ministro do Planejamento do governo Temer, Romero Jucá, do PMDB de Roraima, com o empresário Sérgio Machado, da Transpetro. Nessa conversa, os dois faziam ilações sobre o STF, Supremo Tribunal Federal, e a necessidade de derrubar Dilma e colocar Michel Temer como forma de “estancar a sangria”. Consideravam como uma solução para delimitar as ações da Lava Jato, e para a manutenção dos esquemas da grande rede de corrupção existente na política brasileira. Seguem alguns trechos da conversa²⁴:

Machado: - Odebrecht vai fazer [delação premiada].

Jucá: - Seletiva, mas vai fazer.[...] Conversei ontem com uns ministros do Supremo. Os caras dizem ‘ó, só tem condições de... sem ela [Dilma]. Enquanto ela estiver ali, a imprensa, os caras querem tirar ela, essa porra não vai parar nunca’.

Machado: - Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel [Temer]...

Jucá: - Só o Renan [Calheiros] que tá contra essa porra. ‘Porque não gosta do Michel, porque o Michel é Eduardo Cunha’. Gente, esquece o Eduardo Cunha, o Eduardo Cunha está morto, porra.

Machado: - É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

Jucá: - Com o Supremo, com tudo.

Machado: - Com tudo, aí parava tudo[as investigações da Lava Jato], anuncia Machado.

Jucá: - É delimitava onde está, pronto, afirma o senador peemedebista.

Discutiram também sobre os esquemas de Aécio Neves, o posicionamento do Ministro Rodrigo Janot, Procurador Geral do MPF, Ministério Público Federal, e a delação d ex-senador Delcídio do Amaral. Porém, apesar da gravidade do assunto, nada disso foi suficiente para desmoralizar a decisão recém-tomada sobre o impeachment.

²³ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IafsWXPzqeU>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

²⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/24/politica/1464058275_603687.html>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

Apesar de todas as revelações e toda resistência popular, que considerava-o “ilegítimo” e “golpista”, Temer cumpriu o mandato até o final de 2018, e apenas agora, em 2019, está sob prisão preventiva pelas acusações de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e desvio de dinheiro público em um caso que apura irregularidades na construção de uma usina em Angra dos Reis, no Rio²⁵.

²⁵ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/05/09/Por-que-Michel-Temer-foi-presopela-segunda-vez>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

3 - #OCUPATUDO - CULTURA, TERRITÓRIO E DEMOCRACIA

Como lidar com a vertigem de ser lançado no futuro que parece tão sombrio quanto nosso passado mais obscuro? O que fazer quando a máscara da civilidade cai e o que se revela é uma imagem ainda mais assustadora de nós mesmos? De onde tirar forças para caminhar entre as ruínas e começar de novo?²⁶

O mais revoltante de tudo é que não havia mais a quem recorrer nas instâncias de poder. Para completar, Temer resolveu emplacar um projeto de 2015 chamado “Ponte para o Futuro” e a PEC Teto de Gastos²⁷, cortando os investimentos na Saúde e Educação por 20 anos, e um modelo de reforma da previdência que reduzia vertiginosamente o direito dos trabalhadores, uma verdadeira caminhada para o precipício. No momento em que não podia se contar com a mídia hegemônica, nem o poder público era preciso buscar alternativas através de meios não-formais para reagir.

A sociedade muda, as práticas também não podem ser as mesmas. Com a Internet e novos aparatos tecnológicos, as projeções virtuais do ser humano na atualidade passam a ditar ações e as narrativas. Vive-se no tempo da aceleração e do aglomerado de informações despejadas na rede. A sua aplicação de uma forma mais direcionada pode induzir processos que interferem na rede e no campo físico. Exemplo disso foram os eventos que eclodiram de 2010 a 2011 no mundo e as Jornadas de 2013.(BENTES, 2015;CASTELLS,2013)

Castells mostra que a Internet serviu como combustível para revolução em caminho da democracia, através das redes, à medida que a população veio perceber que o Estado não funciona “do povo para o povo”, mas para a manutenção dos ganhos de uma elite. (CASTELLS, 2013) E que a reunião dos indivíduos em torno de uma causa tem uma função de saberem não estar sós também, mantendo uma capacidade de organização entre si em torno dos mesmos ideais.

Os novos movimentos sociais passam a funcionar no espaço em rede, em duas vertentes, a física e a virtual. Se organizam nas redes, repassando as questões que são

²⁶ Frase final do documentário “Democracia em Vertigem”. Disponível em: <<https://www.netflix.com/watch/80190535?trackId=13752289&tctx=0%2C0%2Cedd7e8e9-fbf2-4646-b734-3b55786294bd-31260885%2C%2C>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

²⁷ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html>. Acesso em 03 de julho de 2019.

alcançadas em tempo real por todo o globo, as distâncias têm outro significado. Planos e hipóteses das redes digitais viram ações concretas, que por sua vez as retroalimentam. Não que os movimentos sociais pós-Internet sejam mais eficientes que os pré-Internet, a diferença está no potencial da tomada de consciência generalizada, que possibilita a criação de novas formas de resistência (CASTELLS, 2013).

3.1 - Cultura de Luta

Por que em tempos de guerra, em regimes ditatoriais e na construção de estados de exceção, se censuram e criminalizam artistas, se destroem museus, se pilham obras? Por que é tão importante destruir os objetos da cultura do “inimigo”? E por que é tão decisivo criar contranarrativas que expressam uma reação e resistência? (BENTES, 2016 p.104)

Afinal, por que a Cultura tem tanta importância dentro do processo democrático? A luta era pelo mais amplo, mas se deu pelo olhar dos fazedores de Cultura: não há como se construir uma democracia sem atentar para o valor da cultura.

Esse é um assunto sempre atual e promove reflexões em várias áreas do pensamento além da Comunicação: Antropologia, Ciências Políticas, Direito, Filosofia, Artes e tantas outras. A Cultura requer um olhar interdisciplinar e a compreensão de valor dos aspectos sociais mais particulares e plurais de um povo. É pilar de sua composição e se retroalimenta a partir das complexidades sociais, considerando inclusive suas mudanças tecnológicas, históricas e ambientais.

Por que atacam tanto as pessoas que fazem arte? Já desfazendo equívocos: Cultura não é apenas arte, entretenimento ou lazer; ou, como alguns acreditam, aquilo apenas ligado à tradição – selecionando apenas um conteúdo erudito europeu ou regional folclórico – é isso também, mas muito mais. O artista, através das suas obras, é muitas vezes o canal ou o instrumento através do qual se pode olhar por outro ângulo as coisas do nosso cotidiano. Ele nos traz formas de contemplar as questões sociais, políticas, econômicas que nos rodeiam, de pensar a realidade através de um olhar menos óbvio, ou fora do nosso circuito de vivência, instigando a formação de um posicionamento mais crítico da sociedade. Precisa além de conseguir se expressar através da obra de arte, ter o que expressar e não é à toa que carrega uma bagagem política que geralmente tem o potencial de confrontar a mediocridade. Ele é portador de mensagens, que muitas vezes não são agradáveis a quem prefere manter

privilégios, ou pessoas de pensamento conservador, intolerantes, que têm receio de mudanças. É através da arte que contamos a nossa realidade de outras formas paralelas. E ela nos toca e arrebatada mais às vezes que a linguagem comum do cotidiano. Pode-se observar como nos momentos históricos mais importantes, de recrudescimento de sistemas conservadores, artistas, agentes culturais, e as pessoas que pensam cultura têm um papel de interferência decisivo nas reações populares. A Arte é em si política e é uma das partes fundamentais na cultura.

Clifford Geertz (2008) considera que muitas definições de Cultura que partem de uma abordagem evolucionista, são rasas. Para ele, está muito mais voltada ao significado das coisas, não é algo palpável somente, é o material e o imaterial, tudo aquilo que é recebido e compartilhado em grupo social através de uma teia de significações tecida pelo próprio ser humano. Podemos dizer também que ela é a base da identidade de um povo. Cultura é como os indivíduos plantam, comem, vestem, é o que expressam no campo estético, no campo da arte, nas relações interpessoais, na linguagem, são os códigos, os símbolos... É o reconhecimento das diferenças entre indivíduos plurais em convívio, é como se repassa o conhecimento da história oral, é toda a carga histórica do patrimônio tangível e intangível. Cultura é muita coisa e não é pouco.

Cultura não é algo externo a se dar ou adquirir, como se existisse aquele grupo que tem e aquele que não tem, como na antiga visão de Edward Tylor²⁸, vinculada a padrões eurocêntricos, ou eruditos, civilizatórios colonizadores. Todos os grupos sociais têm a sua cultura, e isso é algo a ser observado, valorizado, difundido e potencializado, em respeito à memória, à identidade e tantas questões mais do convívio cotidiano.

É apagando as expressões, a diversidade, ignorando a cultura da favela, da periferia, dos quilombolas, dos indígenas, do campo e tantos outros, que eles podem simplesmente deixar de existir em seu valor, em sua humanidade, e a população nem vai compreender os efeitos disso. Por exemplo, se fala nos noticiários sobre a criminalidade, mas não se fala sobre a cultura da favela, e como essas expressões reconfiguram o cotidiano dos moradores em diversos campos da vida, inclusive até no da segurança pública. Os interesses de alguns grupos econômicos privilegiam a construção de uma formação pasteurizada dos indivíduos, onde ele sequer tem noção de valor do que constitui aquilo que é imaterial, sem essa visão

²⁸Disponível em: <<http://educacao.globo.com/sociologia/assunto/diversidade-cultural/antropologia-e-relativismo-cultural.html>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

mais ampla e crítica de mundo. Associando muitas vezes a cultura apenas a situações de consumo, entretenimento, ou num extremo a erudição de referências clássicas.

A somatória de sujeitos tão diversos e plurais, de diversos poderes aquisitivos, de diversas religiões, cores, nacionalidades, que haviam sido visibilizados pelas políticas de cultura com sua interiorização, agora voltaram a ser invisibilizados. (BENTES, 2016, p.112)

Voltando ao conceito: só para existir a ideia de Nação já é necessário ter Cultura. É necessário ter políticas de Cultura, que inclusive solucionem problemas que precisam de intervenção da gestão pública - como a preservação de elementos que não tem apelo comercial, não são tão vendáveis, ou são menos visados pelos incentivos publicitários que se apropriam de determinados produtos da Indústria da Cultura - mas que são de representação fundamental para a sociedade, na manutenção da sua memória, ou visibilizando grupos minoritários (SECCHI, 2012). Exemplos disso são os mestres da cultura popular, a cultura indígena, a cultura *hacker*, a cultura da favela.... É necessário pensar em como resolver questões de determinismo social através da Cultura, pois ela também é um instrumento que promove inclusão social e possibilita que as vozes plurais da diversidade ecoem. Esse é um dos papéis fundamentais de um Ministério da Cultura. Um possível fechamento deste significaria, não só a perda direta dos direitos dos trabalhadores da Cultura, conquistados em uma longa história de lutas e desafios, mas também, a perda dos direitos e cidadania do povo brasileiro garantidos na Constituição de 1988.

Atacar as políticas de cultura de uma nação já é uma ação que pode ser vista de imediato como mal intencionada. É transformar um povo em massa de manobra, fácil de conduzir pois o destitui já a princípio do seu alicerce subjetivo. Então essa era a questão, ocorreu muita luta até que aparecesse um projeto de governo que respeitasse esse entendimento. O que Temer veio inaugurar uma “Ponte para o Passado”²⁹, os conceitos que envolvem as políticas de cultura no Brasil foram amplamente subvertidos e pisoteados ao longo desse tempo em um acelerado retrocesso, e a sua criminalização tem sido prática comum, inclusive em empreitadas iniciadas pelos mesmos grupos neoliberais que se interessam por destituir o povo da oportunidade de compreensão da sua identidade e da formação de um pensamento crítico em torno dessas questões. Potencializada ao extremo por setores político-econômicos que emplacam interesses divergentes dos da população, diante

²⁹ Em referência ao “Ponte para o Futuro.”

da construção do que seria de fato um regime democrático. Esse discurso, afeta a opinião pública de uma forma que vai de um ato sutil ao moralismo exacerbado, e vai afastando as camadas mais vulneráveis da população do entendimento sobre a sua própria cidadania no sistema atual. Um verdadeiro deslocamento da realidade. E a Cultura como sempre em regimes autoritários se torna o quilombo diante desse bombardeio, um oásis de resistência popular.

Talvez a intenção de Michel Temer tenha sido exatamente a de estancar, atordoar e desestabilizar o país. Desqualificar o artista, um dos sujeitos mais recorrentes nas ações desse campo social, banalizando o seu papel, como se o seu trabalho tivesse menos valor, desde muito é uma estratégia para manter a falsa “ordem”, o controle da situação; pois sabe-se na verdade que é o inverso proporcional, a importância dele é imensa e ameaçadora para os detentores de poder.

Além de banalizar o seu papel no país, e jogá-la ao crivo de um ministro sem entendimento do setor, Marcelo Calero, do PPS, também retirou a sua autonomia financeira, justamente no momento em que avançava e se estruturava com diversos programas, como a Política Nacional Cultura Viva (SANTINNI, 2017; BENTES, 2016) na regionalização e valorização das ações, fazendo os municípios participantes das decisões e da gestão das verbas do setor, com o reconhecimento dos Pontos de Cultura; políticas para o Audiovisual; trabalhos voltados à Diversidade; a Lei Rouanet; e a formação de um Sistema Nacional de Cultura, que tendia a transformar as ações necessárias em Lei e não em políticas de Estado. Teias, fóruns, encontros, garantiam a participação em uma revolução municipalista da Cultura.

Bentes argumenta que sem “sem uma revolução municipalista, sem conectar as bordas em um sistema de cogestão e participação na cultura, com demandas territoriais, o Estado brasileiro continuará a fazer política cultural de cima para baixo” (BENTES, 2016, p.106). A interrupção dessas políticas gerou revolta dos fazedores de Cultura. Curitiba foi a primeira a ocupar e assim seguiram João Pessoa, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília... mesmo onde não havia sede do MINC ou da Funarte existiam ocupações nas ruas, nas praças e outros espaços públicos significativos para o campo da cultura e para a comunidade local. Reflexo da interiorização e regionalização das políticas de cultura no país, fruto da antiga gestão durante o governo do PT - Partido dos Trabalhadores.

Em uma [des]construção extremamente simbólica na ação de “pilhagem usurpação e predação” da Cultura (BENTES, 2016) carimbavam ali em definitivo qual era explicitamente

o único perfil aceitável do quadro político do país: uma oligarquia de homens brancos. Não havia nenhuma mulher na nova equipe de Temer, nem um índio, nem um negro, ninguém das minorias.

3.2 - Insurgência das @ocupas culturais

Diante dessa conjuntura avassaladora, havia duas soluções, aceitar ou resistir.

Com um ataque direcionado especificamente ao setor da Cultura, os trabalhadores da área da Cultura sentiram-se diretamente atacados e iniciaram a ativação das suas redes. Em menos de 4 dias então se deu então a insurgência de uma grande rede de ocupações artístico-culturais deflagradas em onda por o todo país como resposta imediata a essa investida autoritária de desmonte do Estado democrático de direito, que tocou exatamente no ponto nevrálgico desse sistema, a Cultura. E despertou também rapidamente a atenção das minorias, e dos profissionais de Comunicação (não vinculados à Rede Globo), com a extinção dos outros dois ministérios, esses passaram a se somar nessa luta.

Unidos a outros membros da sociedade civil de diversos campos, se organizaram simultaneamente nos 27 estados do Brasil, utilizando exatamente as redes sociais como mecanismo de comunicação assim como em 2013.

Para as ocupas culturais, Temer não era um “presidente em exercício”, mas um “golpista” ficha suja, inelegível, e aquilo também não teria sido um impeachment, mas um golpe misógino, articulado para destituir o povo dos seus direitos, com expectativa de imobilizá-lo. Não obstante essa afronta, as ocupas responderam com a criação da campanha “#ForaTemer” que ecoou país afora.

Realizaram convocações para reuniões locais e a inserção de cada vez mais agentes culturais, pessoas de movimentos sociais, da comunicação e outros setores. Usaram páginas de Facebook e chats de Telegram³⁰ para se organizar aceleradamente. Um chat geral passou a ligar várias dessas regiões em rede. Assim trocavam notícias e metodologias em busca de uma solução para promover algum tipo de reação aos fatos.

A população tem à mão não somente a demanda e a possibilidade de ocupar terras com finalidade de moradia. Ela precisa e deve ocupar, ainda que de forma transitória: a rua, a cidade, as escolas, as mentes, as mídias digitais, a palavra... “ocupar tudo” o que lhe é de

³⁰ Aplicativo russo de troca de mensagens, que possibilita a criação de grupos para falar em chats, onde cabem arquivos, áudios, vídeos, e até canais de transmissão que pode ser acompanhado por seguidores. Julgavam-no mais seguro que o Whatsapp.

direito. As “ocupações” se desdobram de territórios concretos e físicos, a versões também mais conceituais e virtuais, como na mídia, no campo da Cultura e nas redes; acompanhando as mudanças culturais, as novas formas de sociabilidade, a produção de paradigmas, reflexo da subjetividade humana.

O antropólogo Garcia Canclini, em “Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento” deixa muito claro que as cidades não são apenas ocupadas com elementos materiais:

As cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O sentido e o sem sentido do urbano se formam, entretanto, quando o imaginam os livros, as revistas e o cinema; pela informação que dão a cada dia os jornais, o rádio e a televisão sobre o que acontece nas ruas. Não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais (GARCÍA CANCLINI, 2008, p.15)

Todas as regiões tiveram a necessidade de se fazer representar contra a própria “crise de representatividade” e em repúdio não só à medida provisória 726³¹ que extinguiu os ministérios, mas muito claramente contra essa gestão que tomava a cadeira da presidência da república de forma ilegítima. @OcupaMinC BA; @OcupaMinC SP; @OcupaMinC PE... cada estado tinha a sua OcupaMinC, onde não havia sede; ocupavam praças, ruas e equipamentos públicos relacionados à cultura, como ação de repúdio, e da mesma forma que ocupavam fisicamente iam ocupando as redes.

Há muito a ser falado e ainda a se pesquisar sobre esse fenômeno que eclodiu em rede por todo o Brasil, mas, por agora, este trabalho trata especificamente sobre o recorte do Rio de Janeiro, que de certa forma foi um dos mais duradouros (até hoje), e que proporcionou efeitos diretos sobre o quadro nacional, inclusive devido à sua repercussão e resultados práticos.

Apesar de falar do Canecão e Capanema no passado, é necessário usar o verbo “ser” no tempo presente para definir a OcupaMinC RJ. A OcupaMinC “é” e se estabelece fluida e

³¹ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/mpv/mpv726.htm>. Acesso em: 25 de novembro de 2017..

mutável de acordo com as demandas e os paradigmas nada estáticos da nossa sociedade e sua conjuntura política até os dias de hoje³².

3.3 - Quem é essa tal de Ocupa?

A OcupaMinC RJ é um fenômeno sócio-cultural-artístico potente, constituído em rede. Ocupou espaços físicos, como os prédios públicos do Capanema e Canecão, a rua, o carnaval, universidades, escolas; as redes; a mídia; e o imaginário de uma parcela significativa da população, no Brasil e no mundo.

Precedida pelo artigo feminino, por escolha ideológica de quem a compõe, se dá a partir da aglutinação óbvia das palavras “Ocupa”, originada das metodologias de ocupação enquanto forma de ativismo física e nos meios digitais, como @ocupa ou #ocupa; “MINC”, como sigla do Ministério da Cultura; e RJ, Rio de Janeiro - Brasil, como recorte do espaço físico e sócio-político de sua atuação imediata, que completou 3 anos em maio de 2019 e até agora passou por 4 fases:

Começou em forma de ocupação física, no prédio do Palácio Gustavo Capanema, onde durou 71 dias, de 16 de maio a 25 de julho de 2016, atuando simultaneamente na ocupação das ruas e outros espaços públicos, e desdobrada digitalmente nas redes sociais, principalmente em sua página no Facebook, onde possui mais de 53 mil seguidores. Chegou a se manifestar também (com uma frequência e importância bem menor) no Twitter, no Instagram e no seu canal do Telegram, aplicativo russo onde ficavam os chats de comunicação interna.

Então, depois da reintegração de posse ocupou também fisicamente o prédio do antigo Canecão por mais ou menos 35 dias³³. A histórica casa de shows estava fechada por ação judicial, e pertence à UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Esse foi outro episódio, também marcado por uma série de questões que afetaram de forma muito relevante o contexto político do país. Pois foi durante a realização dos Jogos Olímpicos sediados no

³² “A OcupaMinC não acabou e nunca vai acabar”. Leitura de nota dos ocupantes na saída do Palácio Gustavo Capanema. Disponível em: <[https://www.facebook.com/OcupaMincRJ/videos/vb.574736662731615/577322585806356/?section=VIDEOS&sort\[0\]=created_time_descending](https://www.facebook.com/OcupaMincRJ/videos/vb.574736662731615/577322585806356/?section=VIDEOS&sort[0]=created_time_descending)>. Acesso em de julho de 2019.

³³ A imprecisão se dá por razão de a ocupação com barracas ter começado para alguns no dia 3, para outros no próprio dia 4, com a abertura da casa para o público, e apesar disso, se ocupar não é só colocar barracas mas fazer a ativação do espaço, não se sabe exatamente o dia que os primeiros ocupantes entraram no antigo Canecão para mobilizar a retirada de entulhos que lotavam dois caminhões. Se deu entre a retirada dos integrantes da calçada do Capanema, 27 de julho, ao dia 03 quando abriram espaço para barracas. Nesse período já organizavam a transição.

Brasil, e cuja abertura foi ainda tão marcante quanto a do Capanema, porém atingindo dessa vez repercussão internacional³⁴.

No término desses episódios de espaços físicos, ainda na última planetária de saída do Canecão fez-se um balanço buscando compreender se passaria a configurar um movimento social, guarda-chuva estrutural de processos em favor da democracia e da Cultura; ou, se a OcupaMinC RJ só faria sentido quando sediada de forma concreta em algum espaço físico ocupado, relacionado à cultura; e ainda mais, entre tantos espaços físicos com usos sociais indevidos haveria condição naquele momento de ocupar novamente depois desses 4 incessantes meses de atividades? Não houve consenso imediato a respeito do que havia se tornado. Sequer também sobre algum novo espaço a ser ocupado, mas ficou definido que após toda essa vivência e com Michel Temer ainda no poder não fazia sentido acabar. O objetivo era resistir em favor da Cultura e contra o golpe de Estado. Além do que, não se sabia ainda como, mas as pessoas não queriam perder o que haviam construído ali, cujo valor ainda não havia sido ser mensurado. O que foi consensual é que estava ali haviam formado uma rede de apoio, e que o sentimento de indignação à alavancada autoritária no país não havia acabado.

As ações com um objetivo unificado foram se reduzindo para que continuasse se compreendendo enquanto movimento social. Na falta de uma estrutura organizativa mais formal, no que diz respeito a uma logística física e conceitual consolidada, os integrantes passaram a se dispersar, ou retornar para os seus coletivos de origem. Uns aderiram aos coletivos com os quais reconheceram mais afinidade no curso dessa vivência, e alguns de certa forma se afastaram mesmo, mas eventualmente acessam essa rede.

Para alguns a Ocupa não se sobrepunha aos seus projetos particulares, teria sido um dos processos pelos quais haviam passado individualmente ou fazendo parte dos seus próprios coletivos em ações de militância; já para outros, a OcupaMinC RJ teria revolucionado completamente a sua vida, no que tange seu entendimento sobre ser sujeito político, encaixado dessa vez dentro de um modelo quase utópico de democracia compartilhada.

A Coletiva Feminista Formação de Sereias foi subproduto disto. Criada pelas mulheres da ocupação logo na fase do Capanema, lutava também contra o sexismo dentro dos espaços de militância. Hoje se comunica diariamente e produz a manutenção desses elos.

³⁴ Disponível https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/08/05/rios-alternative-olympic-opening-showcases-the-lefts-protests-over-the-government-and-the-games/?hpid=hp_hp-cards_hp-card-world%3Ahomepage%2Fcardjulho de 2019.

Realizam leituras de conjuntura dos fatos políticos atuais, promovem dessa forma um espaço de formação política onde entraram novas integrantes, mantêm um vínculo de afeto e proporcionam um espaço seguro de acolhimento. E, por que não mencionar: têm apresentado desenvolvimento de trabalhos onde se faz o resgate da memória desse processo e o repasse de suas metodologias, de modo que permanece unida até hoje.

A última ação em que se consolidou a participação de todos os integrantes através de convocação foi o aniversário de 2 anos de ocupação do Capanema, em maio de 2018. Foi realizado um grande evento nos fundos do prédio do palácio para angariar fundos para cobrir a despesa pen de dente de um andaime utilizado na estrutura dos shows ainda da época da ocupação. Mais uma oportunidade de balanço, de confraternização, de reencontro, e o melhor, da prova de que a ocupação tinha e tem servido como um processo de repasse de metodologias e funciona também como uma base de apoio a todos que participaram dessa construção.

Apesar de não realizarem ações unificadas em torno de um único objetivo específico, mantêm a página funcionando como canal de mídia, e criaram novos chats internos, desta vez no Whatsapp e Facebook. Realizam projetos e ações de toda sorte mas agora de forma particular, em outros grupos ou individualmente, porém unidos através de um apoio mútuo. A maior parte dos seus integrantes se fundiu nessa caminhada a uma rede progressista mais ampla, da qual a Ocupa foi e é integrante, e que ajudou a construir, atuante no campo do ativismo, da comunicação, da cultura, de formação política e tecnologias sociais, até hoje.

Por políticas de cultura assertivas e o restabelecimento de um processo popular mais participativo, e por um convívio mais intenso nas primeiras fases onde realizavam intensamente um trabalho construtivo conjunto, os atores desse fenômeno fortaleceram relações, e que por causa disso também, ainda na atualidade, se apoiam mutuamente. Em uma conjuntura onde se nota historicamente o avanço do conservadorismo, não só no Brasil, mas no mundo, tornou-se um ponto de referência, tanto no que se refere a uma resistência popular plural, como em questão de afeto e acolhimento. Mesmo suprapartidária, com indivíduos e coletivos autônomos de posicionamentos políticos diversos e complexos, a Ocupa, se desenvolveu utilizando metodologias de economia solidária e colaborativa para sobreviver à escassez provocada, pelo sistema pré-estabelecido pela velha política oligárquica do país.

Conectada, constantemente em busca de saídas, é prática comum a consulta constante dessa inteligência coletiva e obtenção de parcerias para construções positivas, reconhecendo

a abundante riqueza de recursos dessa diversidade, em detrimento do interesse das elites, que preferem destituir os grupos e movimentos sociais de sua autonomia e permanecer na manutenção dos seus privilégios. Atua no que interfere ao menos então nas micropolíticas possíveis, cujos resultados se ampliam nos territórios. O repasse das suas metodologias e a divulgação das, ainda que pequenas, vitórias, impactam no estímulo e continuidade de ações de resistência em direção de certa forma a uma esfera macro.

3.4 - O Palácio da Cultura

No Rio de Janeiro, um grupo pequeno de artistas se reuniu para pensar algum tipo de ação de repúdio e, segundo depoimentos dos primeiros integrantes, cogitaram sobre a possibilidade de realizar talvez um ato. Essa primeira reunião contou com um número muito restrito de pessoas e não foi muito efetiva, então dela se mobilizaram para puxar uma maior, aberta: a primeira oficial. No espaço emprestado por uma companhia de teatro, localizado no Centro do Rio de Janeiro, compareceram em torno de 70 pessoas, convocadas no boca-a-boca e de um chat no Telegram, que passou a ser o primeiro instrumento de comunicação interna da ocupação. Membros da sociedade civil se reuniram contra essa imposição verticalizada. E a primeira coisa definida de uma forma muito intuitiva foi a horizontalidade. Diversos coletivos se deram presentes nessa construção, mas ali todos tinham o mesmo direito de fala.

Estiveram presentes grupos como o Reage Artista, Mídia Ninja, Teatro pela Democracia, Cinema pela Democracia, Música pela Democracia, algumas lideranças de movimentos sociais, acadêmicos, diversos artistas de linguagens diferentes, e outros independentes que simpatizavam com a causa da Cultura, ou estavam indignados com as ações antidemocráticas do governo. Decidiram então ocupar, sob prazo indefinido, o prédio que reserva tanto da história das artes plásticas, da poesia e da cultura como um todo para cidade e para a história do país, a sede do MINC no Rio de Janeiro.

Às 11h da manhã, em 16 de maio de 2016, o Palácio Gustavo Capanema, sede do MinC e da FUNARTE, Fundação Nacional de Artes, onde fica também o IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Rio de Janeiro, foi ocupado como reação imediata a esse projeto de desmonte. O grupo ocupante coloca “os pontos nos is”, em um grito de resistência que denunciava o ataque sem precedentes desde o estabelecimento do voto direto no Brasil, olhando pelo viés de uma das camadas mais sensíveis, porém das mais

críticas, da sociedade: a cultura. Na mesma tarde da segunda-feira, às 13h, aconteceu o “Abraço dos Pontos de Cultura” ao Capanema, que oficializou e legitimou assim simbolicamente a existência da OcupaMinC RJ.

Imediatamente começaram a fazer o que sabem de melhor, comunicar através do exemplo, um outro olhar sobre cidadania e cultura, desalienando as pessoas no seu processo de passividade e provando na prática que existia outro caminho possível em direção ao desejo de vivenciar um Estado democrático de direito. “É Golpe!” já dizia em seus primeiros vídeos (FARES, 2018), mesmo quando ainda não se sabia todo o caminho tortuoso que a democracia no Brasil trilharia até os dias de hoje.

Para ilustrar os contrapontos através de tantos simbolismos e situar historicamente a OcupaMinC RJ no quadro político do país, mesmo antes de descrever as suas fases, relato apenas um pouco da primeira semana no Capanema até os próximos acontecimentos vindos da base governista de Temer:

Em 17 de maio, na terça-feira à noite, em torno das 23h, o movimento Povo Sem Medo apareceu com uma multidão que ocupou o jardim na frente do Palácio, e fazendo um jogral, declarou seu apoio aos ocupantes que acenavam da janela do mezanino, e do segundo andar, onde haviam instalado as suas barracas. E assim se seguiu com a Frente Brasil Popular e vários outros grupos sociais. Não demorou para surgirem movimentos da periferia, negros, quilombolas, comunidades indígenas e LGBTIQs, blocos de carnaval, instituições dos mais diversos tipos, incluindo sindicatos, coletivos de estudantes, professores, estrangeiros, camelôs, representantes de partidos políticos... A primeira semana foi um momento de reconhecimento extremamente frenético. Não havia metodologia exata para saber ocupar. Todos estavam aprendendo uns com os outros ali, diante de uma rotatividade imensa de pessoas.

No dia 18, o movimento Música Pela Democracia fez uma marcante apresentação nos Pilotis. Um concerto de violinos, em que executaram composições clássicas como “Carmina Burana”, cuja melodia foi acompanhada pelo público que cantava “Fora Temer!” como se estivesse fazendo um grande mantra.

Essas imagens e essa música até hoje são presentes nos vídeos e na vinheta da OcupaMinC, que foi veiculada por bastante tempo na internet, causando um impacto tão marcante que até hoje ficou associada à imagem do presidente golpista. Assim surgiram outras as palavras de ordem também viralizadas nas mídias com suas hashtags #ForaTemer

e derivados, como #ForaTemerGolpista; #TemerJamais; #OutTemer; #TemerVampiro; e tantas outras.

Não demorou para o espaço virar “point” com a chegada dos ambulantes, que trouxeram uma estrutura de venda de alimentos e bebidas durante a programação. Os shows-atos e atividades culturais passaram a ocupar principalmente o espaço dos pilotis e o jardim embaixo do prédio.

A comunidade carioca passou a frequentar o espaço, pela grande divulgação das atividades realizada na página da OcupaMinC, que hoje conta com uma média de 53 mil seguidores. Eram sempre associadas à cultura, arte e entretenimento, porém com uma configuração completamente relacionada à mensagem política que se pretendia defender.

Um show não era apenas um show, era um momento potente de manifestação dos discursos desses novos sujeitos, indignados e silenciados até então, e também, muitas vezes uma forma de realizar a arrecadação de insumos necessários para continuar mantendo a ocupação, já que os integrantes ali precisaram suspender suas outras atividades para se manter em constante produção dentro da ocupação.

A classe artística sempre tão difusa, nesse momento, se viu reunida no mesmo espaço, foi uma efervescência. Anônimos ou celebridades estavam ali lutando pela mesma razão. Inclusive houve a presença de diversos artistas contratados pela própria Rede Globo, que deram várias entrevistas em favor da ocupação, e acabaram instigando o público a olhar para aquilo com um status de megaeventos. Não teve como os canais de mídia tradicional ignorarem. Despertou a curiosidade de todos.

Apesar disso, a ocupação decidiu ser a própria mídia, e pautar a si própria. Se utilizando das ferramentas e das metodologias compreendidas no repasse feito pelos midiativistas ali presentes, os próprios ocupantes passaram a se pautar para mostrar a sua versão dos fatos, que era suprimida ou distorcida nas mídias convencionais e hegemônicas. Tudo das experiências passadas de militância.

O movimento criado ali naquele espaço era muito maior que uma diretriz partidária. Era suprapartidário. Era anarquista. Era de esquerda. Era de quem nem sabia o que era partido, mas apenas estava ali na sensação de que aquele era um projeto de mundo, projeto de cidade, uma proposta de vivência coletiva onde as regras eram orgânicas em respeito à diversidade dos indivíduos, todos intencionados a enfrentar o medo, o abatimento, a depressão que passava a tomar a população que via o avanço do conservadorismo e o estado de exceção. Era um grito pela liberdade, igualdade, dignidade, humanidade, justiça, ética,

diversidade - pelas mulheres, pelos índios, pelos pobres, pela favela, pelos camelôs, pelos refugiados, por todos aqueles que se indignavam.

E novos indivíduos que se apresentavam ao coletivo não paravam de chegar. Recebidos de portas abertas somavam na realização de ações. E a ocupação se manteve fixa por 71 dias.

A programação no Capanema foi intensa: Ato-concertos pela democracia, apresentações teatrais; performances e espetáculos de dança, de manifestações indígenas, afro e feministas; blocos de carnaval; performances; fóruns; desfiles; cineclubes; apresentações de diversos artistas nacionais de renome como Caetano Veloso, Erasmo Carlos, Seu Jorge, Jards Macalé, Abayomi Orquestra... e tantos outros artistas nacionais fantásticos que precisavam apenas de um palco pronto para difundir seu trabalho, dividindo agora o mesmo espaço utilizados pelos famosos. Festas gigantescas como a Black Santa e a Wobble, tudo atraindo um público que ao chegar no palácio via não só um show, mas um show-ato; não só uma performance, mas uma performance-ato, tudo era ato. Não eram só espetáculos de arte, mas “ativismo”. Ali se difundia a cultura e se pensava políticas de cultura. Um caldeirão de informações que causou espanto, paixões, revoltas e conquistou a atenção de todos. Foi um fenômeno que se auto divulgava inclusive tomando proporções de novo *point* cultural da cidade do Rio de Janeiro. Noite e dia existiam atividades.

Muito da agenda de programação era tomada da produção de eventos que discutiam políticas públicas. E também havia aulas com alunos de escolas, universidades, fóruns, reuniões, rodas de conversa, oficinas, cursos, palestras, exibição de filmes, atividades de formação, extensão, resgate de memória, articulação política, uma infinidade de formas de ocupar, enquanto ativação do espaço mesmo que de forma temporária. Seguiam várias temáticas como “Semana Feminista”, “Noite das famílias”(onde as famílias levaram seus filhos no final de semana para acampar e participar de atividades no final de semana totalmente voltadas ao público infantil), Noite dos Refugiados (onde estrangeiros refugiados contavam suas experiências, aconteciam rodas de conversa e faziam apresentações culturais com a temática do seu país), Ocupação Mineira, Puta Day (onde aconteceram diversas atividades relacionadas às discussões em torno da regulamentação da prostituição, contando com exposição de trabalhos das pessoas “transvestigeneres” e um desfile da marca Daspu³⁵;

³⁵ Daspu é uma marca de roupas feita por prostitutas, criada por Gabriela Leite, que faz menção ao nome Daslu. Disponível em: <<http://daspu.com.br/>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

Ocupação Indígena; Baile BlackSanta; Isoporzinho das Sapatao; e tantos outros eventos. As pessoas envolvidas nesses processos também eram “ocupantes”.

Os ocupantes trabalharam incessantemente na produção de uma agenda que somava todas as questões que pautavam em oposição ao que o desmonte propunha, a programação passou a ser montada através de um processo de isonomia e horizontalidade, não burocrática, e parece que as pessoas estavam buscando um espaço para mostrar seus trabalhos, sua cultura e seus anseios. A agenda lotou repentinamente. Ainda nessa primeira semana se apresentaram artistas como Arnaldo Antunes, Otto, Lenine, Frejat, Leoni, Pedro Luís, Marcelo Jeneci... E o auge da repercussão se deu no dia 20, com a presença de Caetano Veloso.

Usando um cocar indígena, que faz referência aos povos originários, parte da diversidade silenciada sem tréguas, fez o seu show-ato para um público de quase 10 mil pessoas. As pessoas cantavam suas letras fazendo paródias em repúdio à Michel Temer e Eduardo Cunha. E assim as mulheres puxaram o refrão de Tieta³⁶: “Eta, eta, eta, o Eduardo Cunha quer controlar minha buceta”, em referência ao golpe misógino sofrido por Dilma Rousseff. Para deixar muito claro o que se pensava sobre a legitimidade deste desgoverno, o artista tocou também “Alegria, Alegria”, que fazia referência ao momento de ditadura militar que o país atravessou nos anos 60, quando a Cultura era perseguida e censurada pelos militares. Os recados estavam dados, era inaugurada a Nova “Tropicália”.³⁷

3.5 - Ressurreição do MINC

No dia seguinte, em 21 de maio, a medida provisória 726³⁸ precisou ser revogada, por sua inoperância administrativa, pois Michel Temer com sua atitude tinha conseguido atropelar a ordem de um ministério com contratos e trâmites burocráticos dos mais diversos tipos em andamento; que envolviam não só o âmbito nacional, mas o regional, coisa que não se desfaz de uma hora para outra, uma atitude extremamente irresponsável. E, bastante por mérito dessas ações, tanto da OcupaMinC RJ como das outras ocupas culturais que vinham

³⁶ Vídeo postado na página da OcupaMinC RJ, do momento em que o público altera a letra da música. É possível ver a quantidade de pessoas presentes pois aparece uma visão panorâmica da área dos pilotis, no térreo do Capanema. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OcupaMincRJ/videos/vb.574736662731615/5777322585806356/?type=2&theater>>. Acesso em 3 de julho de 2019.

³⁷ Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-tropicalismo/>> Acesso em: 03 de julho de 2019.

³⁸ Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/mpv/mpv726.htm>. Acesso em: 25 de novembro de 2017..

fazendo simultâneo trabalho similar em todo Brasil, regionalizando a luta. Ele foi obrigado a ressuscitar o MINC.

Porém, mesmo após o recuo, a OcupaMinC RJ se manteve firme como anunciado em seu manifesto. Recusou qualquer tipo de negociação, pois compreendia que em outros momentos históricos importantes a Cultura sempre teve um papel político vital na transformação da sociedade e na manutenção do discurso popular em busca de um processo democrático. Era ético resistir. E para definir a que veio, esse foi o seu manifesto:

Nós, ocupantes do palácio Gustavo Capanema - sede do Ministério da Cultura do Rio de Janeiro, reiteramos que o movimento #OcupaMinC RJ não tem líderes. É uma articulação horizontal e coletiva.

Ocupações avançam!

Em respeito ao processo democrático do voto direto de milhões de brasileiros/as, exigimos que seja cumprido o mandato da presidente eleita até 2018.

Exigimos a saída imediata de Temer do governo.

A mobilização de milhares de artistas, agentes culturais, estudantes e trabalhadores de vários setores da sociedade pela garantia e o respeito à diversidade cultural brasileira, OCUPA os prédios do ministério da Cultura em todos os 27 estados brasileiros, EXIGINDO A SAÍDA IMEDIATA do governo ilegítimo de Michel Temer.

O retorno do MINC, ao invés de ser uma vitória da nossa causa, representa mais um passo da ofensiva que se amplia a cada dia para todos os campos da sociedade. A estratégia é de retirar o pouco que temos para depois nos devolver menos ainda.

Não estamos aqui por um ministério! É pela cultura, é pela reforma agrária, é pela agricultura familiar, é pelas demarcações de terra e direitos indígenas e quilombolas, é pela igualdade racial, é pelo direito das mulheres e LGBTs, é pela rede Pública de comunicação, é pela educação pública de qualidade, é pelo Estado laico, é pelo SUS, é pelos direitos dos trabalhadores, é pela democracia!

As ocupações nunca visaram apenas o retorno do MINC. O que sempre exigimos foi a retomada do Estado de direito, o retorno à democracia, à reconstrução da legitimidade, contra o golpe parlamentar, planejado com juristas e empresários, para implantar forçosamente um governo que nunca seria possível em um ambiente democrático.

Não estamos aqui para negociar pautas de agenda, mas sim para lutar, resistir e garantir as conquistas da Democracia. É importante dizer abertamente: "Nenhuma reivindicação terá sido atendida enquanto o governo como um todo não cair." A posse de ministros, como o da Cultura, no estado de exceção que configura o atual golpe, significa apenas um recuo tático da parte desse governo, que visa ganhar tempo diante da evidência do seu fracasso.

A #OcupaMinC RJ recebe muitos artistas e instituições que se somam ao movimento de maneira espontânea e voluntária. Qualquer declaração contrária a esta causa não nos representa! Reafirmamos nosso posicionamento já expresso no Manifesto Cultura pela Democracia.

Somos muitos e diversos, unidos por uma única pauta: FORA TEMER!³⁹

E como era de se esperar, mesmo colocando Marcelo Calero no dia 24 de maio como novo ministro, o que viria dali era mais do mesmo. A revogação foi entendida apenas como um subterfúgio para ganhar tempo, um recuo na evidência do fracasso do seu discurso pouco convincente para a população, quando ainda não se admitia que era “Golpe”. Quando ainda não se imaginava a proporção do estrago que estaria por vir.

O desmonte seguiu, mas dessa vez de forma sorrateira e silenciosa, mantiveram a postura do retrocesso, no resgate do julgamento conservador sobre o setor, que passou a tratar a arte novamente de forma colonizadora, elitista, etnocentrada e ortodoxa. Causando o apagamento da pluralidade de manifestações culturais, associando-as sempre a condições de mercado, censurando, e criminalizando as políticas de cultura através da demonização de projetos como a Lei Rouanet, e se somando ao projeto ideológico maniqueísta de desconstrução do pensamento crítico.

As ações do peemedebista paralisaram um ministério que funcionava a pleno vapor, de forma “extremamente simbólica e violenta”, segundo Ivana Bentes (BENTES, p.106), Secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura, na data em questão, que junto à sua equipe recusou qualquer acordo com o governo interino, e diante dos novos métodos se afastou do cargo no final do mês de julho.

No livro “Golpe16”, organizado por Renato Rovai da Revista Fórum, escrito por diversos formadores de opinião pública, jornalistas e ativistas, ela dedica um capítulo ao ensaio “Ocupa Tudo! Extinção, ressurreição e insurreição da Cultura”, onde fala da sua experiência de observação das ações dos ocupantes do Palácio Capanema. Portanto, a antiga gestão reconhece o valor da tomada que a sociedade fez daquele espaço, em virtude da construção de uma agenda positiva, e em detrimento da destruição imposta pelo novo governo (BENTES, 2016).

Instalados no segundo andar do prédio, logo os ocupantes em uma das suas reuniões que se chamavam “planetárias”, que aconteciam em círculo para manter a horizontalidade e o mesmo direito de fala de cada integrante; decidiram sobre a necessidade de preservação do riquíssimo patrimônio existente no Capanema. Sob lembrança do que havia acontecido em 2013, onde tentaram criminalizar manifestantes fazendo uso de P2⁴⁰, policiais infiltrados, se

³⁹ Conforme anexo 1

⁴⁰ P2 era o nome que os manifestantes atribuíam a possíveis policiais disfarçados que se misturavam às pessoas em meio aos protestos, para provocar situações de confronto, e proporcionar algum argumento ou justificativa para uma reação policial mais ostensiva.

viram logo obrigados a pensar em questões logísticas de segurança no espaço, tendo em vista não só manter a sua integridade física das pessoas, mas também das obras ali presentes. Eram pessoas da Cultura, em hipótese alguma tinham interesse de que qualquer coisa ali fosse depredada. Ao contrário, a luta era pela preservação da Cultura, da memória, do patrimônio material e imaterial do povo brasileiro.

Morando no Capanema os ocupantes recebiam cada vez mais informações sobre a gestão e sobre a obra ali realizada pela ConcreJato. Passaram a compreender como funcionavam os contratos e os prazos da empresa contratada para tal atividade. Questionavam tudo. O Palácio tornou-se local estratégico para suas atividades. E ainda com todo cuidado com o patrimônio tentaram criminalizá-los, usando a palavra “invasores” e criando boatos sobre depredação de patrimônio.

“Eu não quero um Ministério da Cultura num governo golpista, a cultura a gente faz aqui, então é a população fazendo o MINC. Porque a OcupaMinC não é só uma ocupação, é o Ministério da Cultura. É um negócio que está fornecendo cultura gratuita para a população”, disse o apresentador e humorista Gregório Duvivier para um vídeo da Ocupa⁴¹. Apresentador hoje do programa Greg News, do canal HBO, que traz comentários sobre as notícias da situação política através de uma linguagem humorística que comenta a situação política do país através de uma linguagem de escracho.

No dia 25 de julho realizaram uma ação reintegração de posse feita de forma truculenta pela Polícia Federal. Os ocupantes foram expulsos do prédio do MINC sob repressão policial. Alguns, inclusive, foram agredidos e arrastados escada abaixo do mezanino até o térreo⁴².

Em seguida os policiais cercaram o pilotis, pressionando os ocupantes a se afastarem gradativamente para o jardim, onde eles como violinistas de um navio que afunda⁴³ responderam a truculência com arte. Fizeram durante a ação policial diversas performances artísticas, com pernas de pau, bandeiras, cartazes, alto-falantes, usando pinturas e palavras de ordem, em meio à retirada das barracas. Uma cena cinematográfica que envolvia violência, autoritarismo, militarização, a tentativa de impor o silenciamento, a censura, o medo e a criminalização dos ocupantes; que respondiam utilizando a arte, o corpo em estado

⁴¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=605181409687140>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

⁴² Disponível no filme “Sereias”, sobre a Coletiva de mulheres da OcupaMinC RJ

⁴³ Em referência aos artistas violinistas do filme Titanic, que ficaram tocando no convés para acalmar a população enquanto o navio afundava.

de revolta⁴⁴, o escracho, a transmissão ao vivo como garantia de segurança, proteção e registro. Se pintaram, recitavam poemas, fizeram uma ciranda, tiraram parte da roupa cantarolando músicas do tempo da ditadura, enquanto a Concrejato ia empilhando rapidamente tapumes de ferro lado a lado em torno do espaço. Era tudo tão planejado, que imediatamente como numa ação de guerra iam expulsando as pessoas e cercando tudo. Levantaram o “muro da vergonha”, envolvendo completamente o Palácio Capanema com paredes de metal, para que não se possa mais ter acesso a aquele patrimônio público os ocupantes, a população, os trabalhadores, e qualquer indivíduo que não seja bem-vindo pela gestão golpista do Ministério.

Sem querer recuar, os ocupantes resistiram grafitando os tapumes à medida que eles iam sendo apregoados e suspensos. Estampando todos os seus símbolos e palavras de ordem. Um deles era uma Sereia de Portinari, o grande símbolo da ocupação, e a frase principal: ForaTemer!

Ainda se mantiveram dois dias dormindo na calçada. E na parte do jardim de entrada fizeram sua última planetária, aberta e festiva. Receberam visitantes durante a noite, mas durante a madrugada, quando já estava claro e não havia movimento algum no Centro da cidade, as barracas não garantiam nenhum tipo de proteção e aconteceu mais uma abordagem, dessa vez de policiais armados que usavam máscaras, e de forma ostensiva obrigaram sua saída. Os ocupas recolheram o que puderam às pressas e assim, através da imposição do regime do medo que se finalizou esse ciclo no Palácio Gustavo Capanema. Em um ato de higienização, na retirada do que não era conveniente a essa gestão no uso dos espaços públicos em vésperas dos Jogos Olímpicos.(BENTES, 2016)

Depois disso o Capanema até hoje está coberto de placas de ferro, isolado, protegido dos artistas, sem acesso à população, sem vida. E com uma obra interminável, realizada a passo de tartaruga pela mesma empresa que colaborou nessa ação de expulsão.

⁴⁴ “Corpos em Estado Permanente de Revolta” é o título da tese de Bárbara Vida Mefano Fares, integrante da OcupaMinC RJ, onde ela fala que o ocupante tem seu corpo sempre em estado de revolta. Fala da ocupação dos espaços públicos através do Parangolé, da arte e performance, através de conceitos cunhados por Hélio Oiticica.

3.6 - O Lado B dos Jogos Olímpicos - Abre Canecão!

Apesar de você amanhã há de ser outro dia⁴⁵
(Chico Buarque de Holanda)

No momento em que o Brasil recebia mais de 1 milhão de turistas⁴⁶, segundo dados da Riotur, por ocasião de uma das maiores comemorações e disputas mundiais, os Jogos Olímpicos, em 2016, um dos espaços mais nobres da Zona Sul da Cidade Maravilhosa estava ocupado por um dos movimentos mais transgressores da atualidade.

A porta de entrada é carimbada com um grande painel que diz “Nesta casa se escreve a história da música popular brasileira”, pois ali se escreveu de fato um belo novo episódio da música, mas não só dela, de todas as linguagens artísticas e culturais, e ainda mais: se escreveu um bonito episódio da democracia brasileira⁴⁷. O espaço do antigo Canecão virou a “Casa da Democracia”, ou, “Casa da Utopia” por mais ou menos 35 dias de ocupação. Nunca decidiram um nome na verdade que não fosse “Canecão”, mas a UFRJ, por razões legais pedia encarecidamente que não o usasse, pois era pertencente ao antigo produtor que deixou o espaço abandonado, antes que ele fosse devolvido à UFRJ, então sempre era colocado antigo Canecão.

A relação com a universidade proprietária do prédio era o mais cordial possível, tanto que houve boatos sobre a reitoria validar a ocupação, e uma das dificuldades maiores que os ocupantes enfrentaram dessa vez foi a pressão do MEC - Ministério da Educação, que não aceitava que a casa tivesse sido reativada. Alegava questões estruturais, com necessidade de reforma, mas o fato é que o espaço estava abandonado há mais de 7 anos.

Os Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro estavam acontecendo nesse período, e foram mesmo de “celebração e exclusão” (BENTES, 2016. p. 117) como Ivana Bentes tentou prever, em contraponto. Em uma das maiores e mais significantes casas de show do Rio de Janeiro, localizada na Zona Sul, “lugar de visibilidade máxima” que o movimento deu a volta por cima e agiu como lado B das Olimpíadas, e a chamada de abertura diz bastante sobre isso:

Primeiramente, [#ForaTemer](#).

45

46

47 Em “Ocupa Tudo! Extinção, ressurreição e insurreição da Cultura. Golpe16. Revista Fórum, Ivana Bentes cogita como seria a ocupação do espaço do antigo Canecão e ressalta em comparação à placa de entrada que “o que quer que aconteça ‘Estamos escrevendo a história da democracia brasileira’, eis o que importa”. No texto faço uma analogia.

A OcupaMinC RJ não vai esperar a abertura oficial das Olimpíadas. Na véspera, vamos fazer a nossa cerimônia-festa-ato de re-existência olímpica. Nossa estreia histórica no antigo Canecão afirma este espaço mitológico como pólo de promoção e fruição da diversidade cultural democrática na cidade do Rio de Janeiro.

Para celebrar este momento, dando continuidade às ações de resistência iniciadas pela OcupaMinC RJ no Palácio Capanema, convidamos a todos para festejar conosco a "OCUPAMINC ABRE CANECÃO" na noite do dia 04 de agosto.

Sob a direção de Bia Lessa e com a participação de trabalhadores da cultura, músicos, escritores, cientistas, poetas, atores, gente de teatro e cinema, grupos de dança, movimentos sociais, cidadãos de todos os matizes, do centro e das periferias, faremos um grande ato político e artístico #FORATEMER. Somos diversos, fortes e alegres.

“Adotamos novos costumes, aspiramos a uma nova ética, procuramos uma nova estética”. Esta frase de Le Corbusier nos move nesse novo ciclo. A OcupaMinC RJ é um coletivo de artistas, fazedores de cultura, professores, cientistas, ambulantes, indígenas, afro-descendentes, agroecológicos, terapeutas holísticos e ativistas em geral.

A luta continua. O ritual de abertura dará início a uma maratona de atividades de resistência e esperança, debates, shows, filmes, rodas de conversa, trocas de experiência e celebração da democracia. Assim realizaremos nossos Jogos Democráticos, nossas Olimpíadas da Utopia e da Inclusão. Sejam todos bem-vindos. Viva a liberdade de expressão! Viva a democracia!

Pedimos ao público que traga doações de livros, comida e mudas de planta para partilharmos com todos.

PRESENCIAIS

Otto, B Negão & Seletores de Frequência, Zélia Duncan, Moreno Veloso, Wagner Moura, Jean Wyllys, Tico Santa Cruz, Domenico Lancelotti, Julia Lemmertz, Gregorio Duvivier, Jards Macalé, Autoramas, Luiz Alberto Oliveira, Luisa Duarte, Ernesto Neto, Mc Junior e Leonardo, Duda Brack, Baltazar, Lia Rodrigues, Second Come, Pedro Miranda, Geraldo Junior, Ana Maria Magalhães, Karine Teles, Vania Catani, Diléa Frate, Luciana Sérvulo, Hey Ho! Brass Band, Agytoê.

VIRTUAIS

Antonio Candido, Sergio Sant'anna, Andre Sant'anna, Anna Muylaert, Ana Cecilia Costa, Ava Rocha, Paula Gaitán, Rodrigo Pena, Beth Formaggini, Chico Diaz, Edgard Scandurra, Arrigo Barnabé, Eliete Negreiros, Flora Süssekind, Walter Salles, João Moreira Salles, Leonardo Neto, Jorge Mautner, Helena Inês, Zé Celso Martinez Correa, Miguel Nicolelis, Bete Mendes, Enrique Diaz, Luis Stein, Marcia Tiburi, Margareth Menezes, Eryk Rocha, Joel Zito Araujo, Lucia Murat, Pedro Andrade, Roberto Berliner, Roberto Machado, Sergio Mamberti, Tata Amaral, Luiz Alberto Oliveira, Mario Novello, Djin Sganzerla, Luiz Rosemberg Filho, Silvia Buarque, Silvio Da-Rin, Tuca Moraes, Luiz Fernando Lobo, Vinicius de Oliveira, Lúcia Murat, Silvio Tandler.

OCUPAMINC ABRE CANECÃO

04 de agosto de 2016

de 17h às 22h

Prédio do antigo Canecão

Av. Venceslau Brás, 215, Botafogo

Campus da Praia Vermelha, UFRJ

Rio de Janeiro⁴⁸

A frase de Le Corbusier foi pendurada em um outdoor amarelo na fachada do prédio, na esquina da avenida Venceslau Brás, de frente para clube do Botafogo e o Shopping Rio Sul. Quem passava indo ou vindo para Copacabana não conseguia deixar passar despercebido que o espaço estava reaberto e pulsando vida, com a frequência de um grande número de pessoas.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/152703525161749/>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

O vídeo escracho de entrada no antigo-Canecão tinha a mesma personagem repórter com sotaque do oriente médio, vestida com um lenço na cabeça, simulando um “*hijab*”⁴⁹ passando por um carro do exército estacionado na porta do prédio, depois disso, diversos ocupantes saiam do baú de um pequeno caminhão fazendo gestos circenses e teatrais, enquanto corriam até o palco dançando e rodopiando, enquanto em tom de sarcasmo, a mensagem irônica e extremamente política era dita: “Prédios públicos arruinados, ociosos, esquecidos, invalidados, ligue para o caminhão da ocupação”⁵⁰. Então fica preparado, que se fecha nós ocupa! ”

A produtora Bia Lessa foi convidada pela ocupação a dirigir o espetáculo da abertura. A seu chamado diversos atores da mídia hegemônica romperam o silêncio e se posicionaram contra o governo, outros que já acompanhavam o processo no Capanema retornaram a acompanhar a ocupação, bastou que fossem avisados do novo lugar. Muitos deles hoje compõem um coletivo puxado pela produtora e atriz Paula Lavigne chamado 342.⁵¹

O Canecão foi palco durante mais de 40 anos de muita história, de muitos acontecimentos marcantes não só para a cidade do Rio de Janeiro, mas para o Brasil. Tudo foi muito simbólico. Foi uma gigante reviravolta depois de uma reintegração de posse cercada de agressividade grotesca, e o cercamento do prédio do Ministério da Cultura com a proibição de acesso da população a um bem público.

A OcupaMinCRJ então já havia passado a ser entendida não só como importante para a música e a cultura, mas também com uma estrutura inenarrável para receber durante as olimpíadas pessoas de todo o mundo, recriando a narrativa do Golpe em sua versão e não a da mídia.

A surpresa da noite para o público foi quando Julia Lemert anunciou a entrada de Chico Buarque ao palco e, ovacionado, ele disse: “Vim declarar que estão oficialmente abertos... Fora Temer! Os jogos olímpicos democráticos”. Em seguida, ele chutou a bola de futebol coberta de adesivos com a logo da ocupação, a sereia de Portinari, em direção à plateia. E então, pela primeira vez depois do período da ditadura militar, ele cantou “Apesar de Você” contra um presidente da república no exercício do seu mandato.⁵²

⁴⁹ Tipo de véu islâmico, significa "cobertura" ou "roupa que tape" Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/16/internacional/1471347181_490989.html>. Acesso em

⁵⁰ Uma paródia ironizando o mesmo tom de voz da propaganda do “caminhão do Domingão do Faustão”, da Rede Globo, que realizava sonhos dos telespectadores.

⁵¹ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/12/politica/1499869521_509100.html>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

⁵² Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/?v=610837372454877>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

Isso foi um fato histórico publicado na maioria dos jornais do país e na imprensa internacional. E assim como foi a apresentação de Caetano no Capanema, o fato de ter um artista tão consagrado na abertura e com a bagagem política dele ter se mostrado favorável à causa mexeu com o imaginário das pessoas. Aqueles que já tinham engajamento fiel e faziam apresentações pela parceria, para fortalecer a mensagem política, já eram previstos; mas se tratando do lendário palco do Canecão, choveram mensagens de artistas de todo o país interessados em compor a programação. Todos queriam fazer parte daquilo e “Escrever a história da resistência”.

Nesse mesmo palco aconteceram eventos que influenciavam diretamente a gestão pública por outro vieses que não os das linhas formais. Um bom exemplo disso foi “A Democracia é uma ditadura disfarçada?”⁵³, cujo título era o refrão de uma das músicas mais repetidas nos shows-atos da Ocupação, A Democracia:

Uma sociedade construída pela religião
Ensina ao seu povo o que é pecado ou não
O verde e amarelo aparecem quando é jogo do Brasil
Enquanto na favela, neguim acorda com o fuzil na cara
E a gente come carne todo dia
O índio mora numa palafita
E eu te pergunto: Que sentido faz não ter reforma agrária no Brasil?
Isso é herança dos senhores de engenho, barões do café e da cana de açúcar
Das grandes construtoras do Brasil
Fomentam e alimentam, impondo a condição servil

Você viu a Democracia?
A democracia é uma ditadura disfarçada (Doralyce, 2016)⁵⁴

O evento foi uma ação direta participativa da população para pensar políticas públicas e buscar já de imediato o compromisso dos futuros gestores com essas demandas. Em 5 eixos relacionados a políticas públicas - saúde, educação, cultura, comunicação, e cidadania - grupos com interesse nesses temas, que reuniam diversos profissionais e gestores, se organizaram para discutir e listar demandas para a cidade em vésperas das eleições. A seguir,

⁵³“A Democracia”, uma das mais cantadas durante os shows no Capanema e antigo Canecão no momento dos shows-ato. Doralyce, é advogada, cantora e compositora pernambucana, integrante da OcupaMinC RJ e compôs essa música durante a ocupação, que hoje faz parte do disco Canto da Revolução. Disponível em: <<https://www.cifraclub.com.br/doralyce/a-democracia/letra/>>. Acesso em: 03 de julho de 2019. Deu nome ao evento “A democracia é ditadura disfarçada”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/985377314912926/>>. Acesso em 03 de julho de 2019. Em seguida escreveu uma matéria para a Agência de Notícias da Favela sob o mesmo título, sobre a ocupação das escolas secundaristas em São Paulo. Disponível em: <<https://www.anf.org.br/a-democracia-e-uma-ditadura-disfarçada/>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

⁵⁴ Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/doralyce/a-democracia/>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

sob transmissão ao vivo, o convite foi aberto para que candidatos a vereadores da época ocupassem o círculo no palco, e sabatinados pela população, pudessem falar das suas propostas de mandato relacionadas a esses temas. A ideia era que assumissem publicamente compromissos com essas questões para o caso de serem eleitos, debatendo também ali sobre essas demandas.

Existiram também eventos internacionais, como um Fórum de Pontos de Cultura Internacionais, que aconteceu de maneira inesperada no espaço. Durante as Olimpíadas a cidade estava repleta de chefes de estado, representantes de várias entidades estrangeiras, e muitos visitaram o #OcupaCanecão para compreender o que se passava no Lado B das Olimpíadas. Nisso nossos integrantes convidaram membros de diversas entidades internacionais, equivalentes a o que no Brasil seriam os pontos de cultura, e neste dia pessoas do Paquistão, Afeganistão, Palestina, EUA, França, e outros apresentaram no palco, quase como num TEDx, utilizando recursos multimídia de projeção, com a diferença de que um dos ocupas fazia a tradução para o português a cada frase num microfone. Entre imagens apresentadas, marcantes ações realizadas em localidades que passam por situações de conflito e guerra, mas ao terminar as falas, todos diziam que estavam aprendendo muito com o exemplo da ocupação realizada no Brasil. Assim foi também com no dia do evento dos Refugiados. Houve uma troca gigantesca com essas pessoas que vinham de uma realidade tão plural. Consequentemente, vários artistas internacionais se apresentaram naquele palco, latinos, europeus, americanos, inclusive um recém saído cantor do American Idol.

O Canecão comparado ao Capanema tinha outra dinâmica. Não havia separação entre o espaço onde aconteciam as ações culturais e onde desenvolvíamos nossas atividades básicas de sobrevivência. Dormir, comer, cozinhar, limpar, reunir, publicar na página, receber visitas... era tudo no mesmo espaço. Um grande galpão subdividido em vários níveis, entre antigos camarotes, espaço para o público, palco e bastidores com camarins, que estavam ainda sem eletricidade e que precisavam de uma reforma mais ampla. O cansaço de mais de 100 dias de ocupação, somados ao fato de que ainda não tínhamos desenvolvido ali um modelo sustentável ideal e um aviso de que sofreríamos outra reintegração de posse, mais violenta, fez com que decidíssemos desocupar o prédio gradativamente a partir do dia 04 de setembro de 2016.

Foram incansáveis tentativas de acordo em uma proposta de cogestão do espaço com a universidade, mas emitia notas oficiais que corroboravam a pressão do MEC - Ministério da Educação. O prédio, depois de tantas intervenções para torná-lo habitável, foi devolvido

em estado melhorado à universidade, cujos representantes, pró-reitores, aceitaram fazer uma vistoria. A pintura de Ziraldo estava intacta, as paredes estavam grafitadas depois de um mutirão que havia sido feito por artistas de todos os espaços da cidade e estava tudo limpo, sem entulhos e escombros de arquibancada como quando encontramos. A cozinha do camarim reativada. Saímos na hora certa. Alguns dias depois, quando retornamos para uma reunião com membros da universidade para conversar a respeito da possibilidade de realizarmos ações esporádicas no espaço, em uma cogestão com a universidade através de uma comissão, o segurança nos avisou: havia alguns sinais de vandalismo. O lugar sem a iluminação de palco que havíamos instalado, ficou no escuro e fechada. Tinha alguns grafites destruídos e um encanamento no teto da cozinha quebrado, ouvimos pelo barulho da água. Situações essas poderiam ter gerado algum processo de criminalização dos ocupantes se não houvesse a cautela de efetuar o registro em imagens e a prestação de contas daquilo que estávamos entregando. Como diz Caetano: “É preciso estar atento e forte!”

4 - OCUPAÇÃO, TERRITÓRIO E DEMOCRACIA

“Ocupar e resistir, até o Temer cair”, era o lema repetido pelos ocupantes, divulgado através das redes. Essas palavras trouxeram inúmeras reflexões sobre assuntos até então silenciados propositalmente pelas esferas de poder, como um “boom” de consciência. Provocaram uma verdadeira reeducação sobre direitos e cidadania, um reposicionamento do olhar dos sujeitos sobre pertencimento daquilo que é público, resgatando a ideia de política na origem, da *pólis*.

4.1 - Sobre o direito de ocupar

A discussão sobre a legitimidade da metodologia de ocupações foi travada quase como num campo de batalha pelo senso comum, pela mídia, pelo judiciário, pelos empresários, e, inclusive, pelos poderes públicos, na aplicação de argumentos que criminalizam muitas vezes os movimentos populares, classes minoritárias, e reduzem o assunto a um mero descumprimento de normas – então é devido fazer uma reflexão sobre o que é “ocupação”.

A etimologia da palavra “ocupar” - “occupare”⁵⁵, no latim seria “tomar ou estar na posse de” ou “exercer o controle sobre determinado espaço”. Ambas afirmações levantam, no campo da linguagem a presença de alguns atores⁵⁶: “espaço”, “tempo” e “sujeito”. E ela fala de poder.

Algumas perguntas rápidas podem gerar reflexão e ajudar a solucionar um estigma: Quem ocupa? O que ele ocupa? Por que ele ocupa? Em que relação de tempo? E, de que forma ocupa - que uso é dado a esses espaços ocupados? “Ocupado” então significa estar preenchido ou tomado por algo, ou por alguém, sem que outro possa fazê-lo durante o tempo de permanência de quem ocupa. O que tem sido feito desses espaços? E aquele que ocupa, o “ocupante”, é o seu papel social e os seus direitos que devem ser analisados.

Seguindo essa linha de raciocínio: quem “por direito” deveria exercer o controle sobre os espaços públicos em um sistema supostamente democrático? Porém, quem estabelece as normas de fato no Brasil? Que tipo de democracia seria essa onde o povo não detém o poder de decisão e os benefícios? Está estabelecido na Constituição Federal que vivemos em um sistema democrático, e temos diversas leis que deveriam nos assegurar que se cumpra, no entanto, na prática quem controla hoje o nosso sistema político são os bancos, os empresários, os latifundiários, a mídia e o sistema judiciário então já seria viável assumir que o sistema vigente é outro, uma “plutocracia”, governo dos mais ricos; ou ainda, “oligarquia”, quando se constata que esse poder permanece sempre nas mãos das mesmas famílias.

Quando se vive em um sistema democrático, tomar posse de um território físico, preenchendo-o com atividades, ou, definir permanência dentro de uma determinada relação de tempo, seja como moradia ou para produção do bem comum, depende da moderação dessa atividade no convívio social, em conciliação com os interesses públicos e privados (BARBIERI, 2007). É preciso considerar para além do direito individual, o coletivo. Para isso existem leis e “políticas públicas”, embora não sejam sempre aplicadas devidamente. A lógica se vê completamente subvertida.

A Lei de Propriedade no Brasil por exemplo prevê que essa propriedade não é absoluta, precisa cumprir com uma “função social” mínima que seja. A partir do momento em que deixa de atender esse requisito está submetida à reavaliação, e até uma possível desapropriação, para que isso possa ser ajustado e passe a funcionar de acordo com o

⁵⁵“Ocupar”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. 2008-2013. Disponível em: < <https://www.priberam.pt/dlpo/ocupar> >. Acesso em 23 de novembro de 2017.

⁵⁶ “Ator”, conforme a TAR – Teoria Ator Rede. de Bruno Latour, onde a sociologia não se limita ao homem, mas que diversos elementos com os quais ele interage em rede, necessitam ter importância ressaltada (LATOURE, 2012).

interesse público. Enquanto isso, temos mais imóveis sob irregularidade, do que pessoas sem teto, mas o poder público não avança nessa fiscalização, e ao contrário criminaliza os movimentos populares que lutam pela moradia em detrimento da especulação imobiliária, e com eles criminalizam também a metodologia. Essas são informações comumente omitidas nas narrativas lançadas à população para que ela não saiba o que tem direito de reivindicar.

Nesse tipo de entrave que privilegia poucos em detrimento da maioria, no desequilíbrio dessa moderação, e os interesses particulares se sobrepõem aos públicos, como acontece na conjuntura fundiária nas cidades e nos campos, a população é lesada. E, no entendimento de que aquilo previsto em lei não foi respeitado, existe a necessidade e, talvez, a obrigação cidadã de reagir em descontentamento a esse prejuízo, reivindicar que o uso adequado dos espaços seja atribuído, principalmente então quando esses espaços são espaço públicos, cujo uso já é diretamente gerido pela máquina pública, como é o caso do Capanema e o do Canecão, com suas reformas intermináveis. Todos dois sob competência federal.

A população insatisfeita ou “indignada”⁵⁷ com a falta de atendimento das suas demandas pelo poder público busca então estratégias de ação direta, em um rompimento com essa verticalidade, pré-estabelecida como esqueleto do sistema político em questão. É necessário compreender a existência dos problemas em torno da representatividade, em como se dá a relação entre a população e os poderes públicos, pois esse problema atinge principalmente as camadas sociais menos privilegiadas, que dificilmente tem participação nas decisões em torno das políticas. Por isso essa movimentação tão exacerbada nos últimos tempos, mais precisamente nas eleições de 2018 para os cargos parlamentares, onde as minorias buscaram a todo custo colocar representantes que furassem essa bolha, pessoas negras, periféricas, mulheres, LGBTs, indígenas... que tem a ver com a oportunidade de aumentar a polifonia nos espaços de tomada de decisão no poder público.

Sem a participação adequada nas decisões sobre o bem comum, a população, através de movimentos sociais e coletivos partem para uma espécie de hackeamento⁵⁸ atravessando as formalidades do sistema, cortando o caminho já que ele não os contempla também. Muitas vezes para a efetividade de ações parte-se ao questionamento da aplicação também ou da própria lei, quando ela não acompanha a subjetividade da população, e é quando a desobediência civil pode ser justificável. As leis não podem surgir de cima para baixo,

⁵⁷ Dos Indignados da Espanha, referenciando o 15M, movimento de novo tipo, na ocupação de ruas e praças na Espanha.

⁵⁸ Que vem de cultura *hacker*, no processamento de dados. Quando se aprende a programação de um sistema para achar nele brechas onde possa subvertê-lo.

precisam respeitar as demandas da população. Atitudes autoritárias não deveriam ser toleradas.

Ao ver as portas se fecharem para a participação popular na atual gestão, abriram-na de vez não só nas políticas, mas agora de corpo presente. Pois a ocupação física também tem essa questão, do corpo sempre visto como abjeto. O corpo que é privado dos espaços públicos da cidade na lógica da higienização. No Capanema e no Canecão levaram o corpo, as barracas, os figurinos, as parcerias, a indignação e a vontade de interferir diretamente contra essa tomada de assalto que foi realizada por um governo golpista.

Bárbara Vida Fares (2018), cineasta e atriz, uma das fundadoras da Ocupa, defende em sua tese que os ocupantes têm sempre seus corpos em estado permanente de revolta, não são corpos mais dóceis, contidos, que seguem as limitações impostas, mas os que buscam a mudança, uma revolução a partir do entendimento do seu papel social enquanto sujeitos nesse espaço urbano. Através do parangolé⁵⁹, da performance, da aglomeração coletiva, ocupam a rua, as praças, as mídias, as redes, e tudo o que mais lhes for de direito, em contraposição a esse poder que lhes coloca em uma pura submissão passiva.

Muito do que é aplicável a territórios físicos, ocupações de terra ou de imóveis, se aplica a questões mais conceituais, como a Comunicação.

Por que será que as mídias tradicionais criaram um arcabouço gigante em torno do dessas palavras, negligenciando respostas tão simples e subvertendo seu significado ao estabelecer um ideário que relaciona essa metodologia à ilegalidade? Por isso a OcupaMinC RJ decidiu funcionar como sua própria mídia. “Nós somos a mídia”.

Fazia cobertura diária de todos os acontecimentos que envolviam a ocupação, e mais, produzia também conteúdo na rua. Uma equipe de fotógrafos colaboradores traziam os resultados dos atos e protestos em que os ocupantes iam paralelamente participar. Todas as atividades eram registradas e publicadas para que o público soubesse da movimentação e se engajasse. Mas também, ser nossa própria mídia nos trazia de certa forma a proteção. A câmera era nossa aliada, a prestação de contas das ações que realizadas era a garantia de legitimação.

A escolha lexical em substituição à palavra “ocupar” por muitas vezes desde o surgimento das ocupações no Brasil, rurais ou urbanas foi “invadir”, “invasão”, e “invasor.” Assim como nas Jornadas de 2013 muitas vezes trocavam “manifestante” por “vândalo”. Uma diferença sutil e criminalizadora, que tem como alvo sujeitos específicos, para

⁵⁹ Em sua tese ela fala de parangolé, como para Hélio Oiticica.

desmobilizar suas ações através da propagação da desinformação e da incitação de um sentimento brutal de intolerância e ódio a esses que, por razões plausíveis, reivindicam aquilo que lhes é de direito. É importante fazer esse paralelo, “tomar algo com uso de violência, abuso, ou assalto” que seria a definição de invasão⁶⁰. Invasão é quando o sujeito é destituído de direito; já “ocupar”, tem a ver com legitimidade e pertencimento. Um bom exemplo disso são as ocupações de terra, onde se observa a lei que rege a propriedade privada não a define como “absoluta”. Ela precisa ter uma função social. Quando essa função não é cumprida existe já uma irregularidade, onde o poder público deveria atuar, com métodos de desapropriação. Porém não é essa a realidade.

Há a possibilidade de ocupar os espaços propositivamente, com exemplos de como a gestão pode ser dada, através de uma agenda produtiva que torna a própria metodologia um processo bastante rico e de formação política como na execução dos antigos trabalhos de base das entidades sindicais é um outro exercício.

As ocupações propõe novas formas de organização social e comunicam um novo modelo de gestão, onde a inovação é um fator importante e a mudança do sujeito como protagonista do processo é fundamental.

Através de ações diretas os sujeitos se propõe, ou se tornam, emancipados e responsáveis. Ocupam e se ocupam. “Com” ou “sem” diálogo de negociação em direção a alguma possível autoridade institucional, ou a alguém que esteja exercendo posição de poder, ou representação dos indivíduos, geralmente relacionado a área pública. Às vezes não se reportam a ninguém, não esperam que seja uma atitude aceita ou bem vista dentro da “ordem” pré-estabelecida. Essa metodologia objetiva um deslocamento, ou reajuste, do posicionamento de poder.

Não existe lei ainda específica ou regulamentação ainda para a metodologia de ocupação. As limitações são baseadas em discussões judiciais em torno de questões de propriedade ou com tentativas de criminalização dos ocupantes, tentando deslegitima-los, às vezes também com o uso de repressão policial.

As ocupações restituem a aproximação dos cidadãos com o que é do seu pertencimento, com a consciência dos seus direitos estabelecidos por lei. Independe de existir acordo ou não, pois pode-se inclusive ignorar ou tentar derrubar aquele que o distancia do

⁶⁰ Disponível em: <<https://outraspalavras.net/alceucastilho/2015/11/25/invasoes-x-ocupacoes-por-um-curso-intensivo-para-jornalistas/>>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

que é seu; garantindo que, a partir dessa estratégia, sua vontade se cumpra e não a do outro, desde que seja uma causa justificável e em prol da maioria.

No caso das escolas e universidades públicas, para manter o exemplo, as greves dos professores e servidores hoje se somam ao processo de ocupação realizado pelos alunos das escolas públicas para que da forma mais cabível dentro das possibilidades de cada categoria ou grupo social possam agir, muitas vezes inclusive unidos em torno do mesmo objetivo.

Não é à toa que existem diversos canais de rádio sem concessão do governo, veículos de mídia alternativa, livres e comunitárias, e o avanço nas redes. Os novos sujeitos políticos arrumam um jeito para fazer ouvir sua voz, se utilizando dos aparatos tecnológicos disponíveis e reconfigurando as novas formas de sociabilidade. Para manter o controle do poder, o Estado comumente não facilita essa reorganização dos paradigmas e ao contrário parte para o conflito se utilizando de métodos violentos para imobilizar essas ações, começando na maior parte das vezes por sua criminalização diante da opinião pública para ter o aval que justifique suas medidas autoritárias.

Algumas famílias nunca saem do poder no Brasil, e com relação às mídias então, existe um levantamento feito pela ENECOS - Executiva Nacional de Estudantes de Comunicação, o FNDC - Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação, e o Intervozes - Coletivo Brasil de Comunicação, em um projeto chamado “Fora Coronéis da Mídia”⁶¹, que faz um cruzamento das famílias proprietárias dos meios de comunicação, com aqueles que exercem cargos públicos no país. O resultado é que vivemos em um sistema viciado, difícil de mudar; onde se entende que a informação que conduz a opinião pública é propagada de forma comprometida já que a ética dessas instituições seguem os interesses do capital. A palavra “ocupante”, seja qual for o espaço, passa a ser associado a bandido, e “desapropriação” à roubo. Quando colonizadores e seus descendentes tomaram terras de povos originários, populações ribeirinhas ou agricultores familiares a narrativa é outra. A narrativa é sempre uma escolha. Não há meio de comunicação que reporte aos seus receptores algum tipo de informação sem que ela carregue um tanto dos seus valores, ou interesses. A linguagem utilizada é feita da escolha de signos variáveis. A informação sempre passa por um filtro.

⁶¹ Disponível em: <<http://foracoroneisdamidia.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

4.2 - Metodologias da ocupação

Por que mesmo com toda tentativa de criminalização e com a opinião pública comumente contra esse tipo de metodologia, por que ocupar ao invés de utilizar outras soluções como greve, ou de manifestações de rua?

Às vezes é preciso variar das velhas metodologias de luta para novas, acompanhando as questões da subjetividade humana de acordo com o tempo em que estamos.

4.2.1 - Ocupação versus outras metodologias

As metodologias de ocupação e greve são comumente comparadas questionando sua efetividade até em contraposição, como se houvesse um binarismo antagônico sobre a ideia de ocupar ou esvaziar. Uma coisa boa e a outra ruim; ou, uma certa e a outra errada. É um gasto de energia desnecessário fazer essa discussão. As duas coisas têm seu valor e aplicabilidade dependendo do contexto, e podem funcionar até alternadas. A greve vem de uma lógica fabril, que se consolidou como uma importante forma de luta dos operários na época da Revolução Industrial, instrumento utilizado para pressionar o empregador por melhorias de salários, benefícios, jornadas de trabalho mais coerentes, nessa relação empregador e empregado; através da paralisação voluntária - total ou parcial - das funções, pois afeta a produção. Então, na maior parte das vezes tem a ver com atividades remuneradas e o diálogo e a negociação são condição básica da sua existência em um sistema hierarquizado. A interrupção ou cessação dos trabalhos era capaz de causar impactos gigantescos nos lucros dos empresários. Através desse confronto de classes muitas negociações e acordos foram realizados e direitos trabalhistas foram conquistados, porém, nem sempre ela é viável. A proposta da ocupação era totalmente outra.

A paralisação, a greve, os atos, todos são legítimos, mas não criavam uma pauta propositiva através de uma economia colaborativa e compartilhada fazendo em auto-gestão o reconhecimento da abundância de recursos, desconsiderando essa verticalidade do poder.

A ocupação vinha romper com o sistema. Desautorizar a representatividade que se encontrava ali em crise. Transferia para os novos sujeitos a governabilidade. Eram ali a

própria mídia; o próprio do ministério da Cultura; as redes, baseado em uma cultura P2P; os novos sujeitos eram o próprio recurso.

Cruzar os braços em protesto, ou usar os antigos formatos sindicais de denúncia, subindo em carros de som em praça pública para denunciar uma má gestão, às vezes não tem mais a mesma repercussão, e ainda validam a relação com autoridade.

Visto que os ocupantes não tinham acordo com aquela gestão, o que se queria ali era desconstruir. Não reconheciam Michel Temer e sua equipe como legítimos.

Novas estratégias de luta para a nova realidade.

E um bom exemplo que mostra resultados incontestáveis a respeito da metodologia de ocupação são as escolas secundaristas de São Paulo. Ali aconteceu a formação de indivíduos autônomos e críticos, que tinham outra noção do pertencimento daquilo que é público e de si próprios. Assim como nos precursores dos movimentos de novo tipo nas ocupações de rua e praças que mudaram a história de diversos países, como o *Occupy Wall Street*, Primavera Árabe e 15M na Espanha (CASTELLS, 2015). Foram processos muito ricos em subjetividades. Propulsores de mudança, possibilitaram toda uma riqueza em torno da mobilidade popular de novos sujeitos do discurso.

E as ocupações não se dão apenas no território físico, mas digital também. São uma estratégia que envolve campos complementares. Os campos da Comunicação e da Cultura unidos são uma grande máquina de construção dos paradigmas que gerem a nossa vida em sociedade e decidem aquilo que vai ser contado hoje e no futuro. Ainda das definições de ocupar, para Bentes:

Ocupar é a forma cidadã de narrar uma disputa social e política decisiva: o uso social de terras improdutivas, prédios públicos e privados ociosos, transformados em espaços para a agricultura familiar, moradias e habitações ou simplesmente espaços de convivência e fazimentos. Ocupações reais e simbólicas, ocupação territorial, mas também do imaginário. (BENTES, 2016, p.110)

Na ocupação a ideia é preencher espaços e ativá-los, mostrar como se faz um uso mais apropriado deles, produzir construções autênticas valorizando os novos sujeitos do discurso antes silenciados, usando toda estrutura em benefício da coletividade. Ou seja, Nem sempre a negociação com a instância institucional é uma finalidade em si.

Ocupar pode até ser uma forma de reivindicação às vezes, mas também desenvolvimento das atividades já traz em si uma série de outros benefícios se realizadas de

forma coerente com os interesses do bem comum. E comumente são realizadas por razões autênticas relacionadas a pertencimento, o problema é que não quer que se saiba disso.

Uma das músicas cantadas pelos ocupantes durante protestos, shows-atos e vídeos é fala em linguagem memética sobre a potência da cultura na luta pela democracia, e sobre o direito de ocupar:

“O Golpe veio quente, nós já tá fervendo
Quer desafiar? Não tô entendo
Mexe com a cultura você vai sair perdendo
Capanema é cultura de luta
Canecão é cultura de luta
O Brasil inteiro é cultura de luta
Então fica preparado que se fecha nós ocupa!”

O ativismo foi instrumento fundamental para que a sede do Ministério da Cultura passou a ser palco de manifestações culturais que contemplavam a diversidade e davam exemplo do potencial criativo e poder de articulação que os ocupantes unidos eram capazes de ter.

A ideia de “ocupar tudo” era real. Ocuparam até inclusive a atenção da gestão que não podia escorregar, pois estava sendo observada de perto, literalmente, já a contragosto pela sua existência. As atividades do Ministério não foram impedidas pelos ocupantes, não tomaram nada a força, não depredaram. Mas não perderam a oportunidade de se direcionar ao novo ministro fazendo vários gestos de escracho⁶².

4.2.2 - GTs - Grupos de Trabalho e outras estratégias funcionais

A formação de rede de apoio e a economia colaborativa foram essenciais para o surgimento das atividades de resistência. Na ausência de algumas bandeiras unificadas, pela base suprapartidária em que consistia a OcupaMinC RJ, o que conseguiu consolidar essa possibilidade de construção coletiva foi a pauta #ForaTemer. A recusa em aceitar essa grande imposição estabelecida pelos poderosos.

As pessoas se uniram passando por cima de suas diferenças e começaram a valorizá-las enquanto potencial. E sem sequer qualquer preparação, dispuseram a fazer funcionar uma estrutura orgânica. Por isso foi emergencial a criação de GTs - Grupos de Trabalho - que

⁶² Em um deles, é possível ver no filme “Sereias” de Bárbara Vida (FARES,2019) o momento em que os ocupantes abordam Marcelo Calero, que os ignorava na saída do Palácio, chamando-o de “golpista” e colocando tinta vermelha sobre o parabrisa do carro que o conduziria.

funcionavam de forma auto-organizada, horizontal, não remunerada, e focada na causa coletiva.

Compartilhavam sua expertise na prática, transformando o ambiente das ocupações em verdadeiros laboratórios do fazer. As experiências já vinham repassadas de outras ocupações anteriores. Os coletivos traziam suas metodologias e tudo era pensado e decidido nas “planetárias”. Assim que chamavam as reuniões deliberativas, onde todos os membros estavam presentes para decidir, comumente por consenso⁶³, sobre os assuntos que viabilizavam a ocupação.

A ocupação se definia como suprapartidária. Coletivos de esquerda e diversos anarquistas aderiram ao conjunto por compreender que a população havia sido golpeada. Cada grupo possuía suas pautas e bandeiras particulares muito embora estivessem ali. Mas a necessidade de trabalho conjunto para alcançar o objetivo comum, que era restituição de uma agenda positiva fez com que a colaboração e o respeito se tornassem mecanismos úteis e recorrentes no dia a dia. Então já não se dividiam em #ForaTodos, #VoltaDilma, e #DiretasJá, mas passaram a tomar decisões baseadas no consenso, e para viabilizar as questões práticas e logísticas foram criados GTs - Grupos de Trabalho, onde se distribuíam realizando tarefas com foco em tornar aquela união possível e o processo sustentável.

As plenárias foram nomeadas de “planetárias”, aconteciam abertas àqueles que quisessem integrar na construção do processo. E os ocupantes se distribuíam nos grupos de trabalho de acordo com as demandas da ocupação e suas afinidades. Nada era estático, era tão fluído quanto a emergência de ter saído de casa para ocupar um ministério. Não se fez um planejamento para ocupar, e não havia equipes fixas nessas atividades, devido à rotatividade dos sujeitos que permaneciam nessa vivência.

Alguns ocupantes praticamente moravam na ocupação; outros, dormiam em casa e retornavam no dia seguinte para desenvolver atividades que se propunham a desenvolver. Outra forma de ocupar era através do artivismo, ou com o próprio corpo no espaço. Às vezes as redes. Outras pessoas ocupavam, fazendo uma visita e levando doações que possibilitavam a manutenção da existência do acampamento. No caso do Canecão por exemplo isso foi muito necessário. Existiam pessoas que levavam panelões de comida, ou doavam freezers, geladeiras, e utensílios que estruturavam o espaço para torná-lo cada dia mais receptivo para o convívio.

⁶³ O consenso como tomada de decisão, para o resgate do processo democrático baseado na cultura política grega. Disponível em: <<http://www.consensus.net/ocac2.html>>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

Ainda assim, nenhum era mais importante, e todos trabalhavam em cooperação entre si. As decisões que guiavam as ações eram tomadas em meio a longas conversas que buscavam esse consenso nas planetárias, ainda que as reuniões pudessem chegar a 7 ou 12 horas de conversa. E existiam também as InterGTs - reunião de integração dos Grupos de Trabalhos, que eram uma subdivisão dessas planetárias, momento de discutir alguma questão técnica ou operacional específica daquela função.

Tudo isso era o que definia a linha de editoria da página @OcupaMinCRJ, que tem um número bastante grande de editores até hoje, umas 74 pessoas. Porém, a proposta é que não se escrevessem coisas que refletiam seus valores pessoais específicos, mas o que fosse tomado como coletivo pela ocupação. E foi criado pelo GT de Comunicação também alguns mecanismos em um mini-manual, só para organizar melhor os procedimentos.

Era um microuniverso da horizontalidade, do sistema plebiscitário da urgência, tudo era decidido ali em tempo real. O que era um pouco difícil por vezes de lidar, pelo cansaço, ao mesmo tempo que era necessário desenvolver as outras atividades. Alguém precisava começar a fazer concessões e na argumentação entre os presentes as coisas eram decididas sempre privilegiando a importância e coerência da sua pauta política e o bem-estar da coletividade. Com o tempo e o entendimento da causa as coisas foram se naturalizando e o grupo já desenvolvia naturalmente as atividades.

Ainda sobre sua forma de organização foram criados os GTs de Segurança; Comunicação; Articulação; Criação; Programação; Finança; Infraestrutura; Cozinha; Transformação; Articulação; Acolhimento; Saúde; Técnico de Eventos; Permacultura... Existia também alguns profissionais que apoiavam a ocupação na área jurídica; reuniões auto-organizadas de mulheres que deu o início ao Coletivo Formação de Sereias; posteriormente no Canecão surgiram as reuniões auto-organizadas de negros, mas não chegou a surgir um coletivo.

E foi do repasse de metodologias que a OcupaMinC RJ se fez. Os diversos coletivos que participaram dessa construção compartilharam seu *now-how*, trocaram então tecnologias entre si e com os movimentos sociais. Um bom exemplo disso é a Mídia NINJA -- Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. O canal de mídia formado pelo coletivo Fora do Eixo, que ganhou notoriedade e foi reconhecido nacionalmente como mídia pela primeira vez pelos canais hegemônicos quando desempenhou suas ações de forma mais contundente durante as Jornadas de 2013. Estourou nas redes ao estabelecer outra narrativa que contradizia o que era publicado nos canais de TV de maior audiência e até em canais oficiais do governo. Desde

então, ela tem feito o repasse constante das suas metodologias de trabalho para diversos colaboradores, comunidades e movimentos sociais. E até o próprio conceito mesmo do que é ser uma mídia independente que funciona através ações colaborativas de criação e compartilhamento de conteúdo. No Brasil passou-se a falar em midiativismo com maior frequência após suas coberturas das manifestações usando na época o TwistCast, um site onde conseguiam transmitir com um celular ligado comente à bateria do notebook, via streaming, ao vivo, o que acontecia na rua, em detrimento da versão comumente editada e veiculada nas TVs pela mídia hegemônica, que sempre serviu de intermediária. E com o pensamento de que “Não está satisfeito com a mídia? Seja a mídia” (BENTES, 2015).

O Fora do Eixo faz da coletividade um estilo de vida diário. Consiste hoje em uma grande rede, com sede “Casas Coletivas”, em diversos locais do país e até no exterior, principalmente na América Latina, que contam também com a colaboração de outros indivíduos parceiros, cujas ideias concatenam com seus objetivos progressistas. São indivíduos que coabitam, dividem as tarefas para manutenção da estrutura e despesas das casas, se dividem no trabalho técnico de produção de mídia e audiovisual, de fóruns, de reuniões, de eventos, de articulações, mantendo um espírito de comunidade. Um bom exemplo disso é o compartilhamento dos cuidados com as crianças e a migração constante dos membros do coletivo entre as Casas através de uma estrutura organizada, onde sabem como agir em cada espaço e se sentem em casa ainda que mudem de cidade. Usam guarda-roupas compartilhados e possuem um fundo coletivo de despesas.

Sua mídia não só reporta as ações a um público espectador dos fatos, mas produz e distribui a informação ainda em movimento, interagindo ao mesmo tempo com o público e com o acontecimento em si.

Então ao mesmo tempo que a OcupaMinC RJ produzia suas ações na ocupação dos prédios ou espaços públicos, atraía o público para o processo de troca, interagia com ele diretamente, possibilitava a ampliação do seu discurso e comunicava pelas redes

Atentou-se quase que naturalmente então que a Internet uma ferramenta poderosa onde poderia se estabelecer uma contranarrativa própria. Afinal ela reconfigura a cada dia as formas de sociabilidade da população, e conseqüentemente o jornalismo. Os integrantes da ocupação usaram seus recursos para alcançar e engajar o seu público alvo.

Consta na página de Facebook com mais de 2 milhões de seguidores a declaração de que sua pauta está onde se expressa a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais. Assim procedeu a Ocupa também. A MN foi um dos

coletivos de atuação marcante na área de comunicação dentro da OcupaMinC, e lá estiveram também fazendo parte desse grupo de trabalho, pessoas ligadas ao MIC - Mídia Independente Coletiva, CUCA, da UNE, Caneta Desmanipuladora, Jornalistas Livres, e indivíduos independentes de coletivos. Eram jornalistas, blogueiros, artistas, cineastas, chargistas, fotógrafos, comunicólogos, *social media*, designers gráficos... Pessoas da comunidade local, que vinham de outros estados e de outros países também. Refletia bem a pluralidade encontrada nos demais grupos da ocupação.

Todos esses novos narradores articulados, respeitando entre si suas linhas políticas - alguns esquerdistas, outros de centro-esquerda, outros anarquistas - e suas crenças particulares, em torno sempre de um objetivo maior, que era comunicar o Golpe de Estado, e as reações a esse golpe. Bem na verdade, as ações eram divulgadas não só para informar, mas para convidar as pessoas a somarem ao processo de resistência através da formação de uma grande rede, horizontal e descentralizada.

Os GTs se comunicavam pelos chats do Telegram⁶⁴, aplicativo russo, paralelo ao famoso e popular Whatsapp, já utilizado anteriormente pelo Fora do Eixo/Mídia Ninja, que permitia a transmissão rápida de dados e o desenvolvimento de uma conversa mais dinâmica, sem quebrar o ritmo da comunicação interna dos integrantes ainda que eles precisassem sair da mesa. Existia um grupo geral da Ocupação e outras subdivisões contemplando cada GT.

Imediatamente junto ao acampamento foi criada uma grande mesa de trabalho, onde, assim como a ocupação, suprapartidária, os coletivos de mídia, profissionais de comunicação e outros passaram a desenvolver as atividades do GT de Comunicação. Faziam parte desse a Mídia Ninja, a Caneta Desmanipuladora, membros do Reage Artista, da UNE – União Nacional de Estudantes, membros do PSOL, ou do PT, anarquistas, do MIC – Mídia Independente Coletiva – nem sempre em representação aos coletivos dos quais participam – pessoas independentes, estudantes de universidades públicas, fotojornalistas independentes, chargistas, editores de vídeo, artistas... diversos sujeitos em um revezamento de coletivos e bandeiras variadas compunham um trabalho. Na falta de representação adequada da mídia, a ocupação fazia a própria mídia tomando emprestada toda a tecnologia usada pelo Mídia Ninja em 2013, as características pessoas das correções da Caneta Desmanipuladora, com o *now-how* dos artistas na produção de conteúdo próprio, trabalhando em parceria com o GT de

⁶⁴ Aplicativo disponível para celular ou em versão web pode ser acessado em: <<https://web.telegram.org>>. Acesso em 03 de julho de 2019.

criação, que desenvolvia enredos e personagens, memes, charges... Criaram o conteúdo de mais de 15 Tb de imagens, fotográficas e vídeos que registram até hoje as atividades (algumas façanhas) dos ocupantes, material que já deu margem a reuniões em que os ocupantes pretendem não só liberar como tem feito na página e para a imprensa, mas realizar um documentário com a cara do movimento, com objetivo inclusive de repasse das metodologias. Era a somatória de um trabalho de inteligência coletiva impressionante.

Existiu também a TV Ocupa, que tinha uma chamada memética e sarcástica do presidente golpista sendo atingido por um excremento. Cujos personagens eram pensados pelo GT de Criação.

Os coletivos cuidavam com zelo do conteúdo da página no Facebook, que tinha também a sua metodologia para publicação⁶⁵ e até hoje conta com mais de 55 mil seguidores ela já teve mais de 4 milhões e 500 mil visualizações de vídeos de forma orgânica (sem impulsionamento de publicações através de investimento financeiro). Já chegou a um alcance de público de 839.551 visualizações em um único dia. Cada coletivo também compartilhava as postagens nas páginas dos seus coletivos. Tinha uma conta no Twitter, que foi menos utilizada, outra no Instagram e um canal no Telegram, mas definitivamente o Facebook desde o início é o principal canal de divulgação.

Aberto, colaborativo, horizontal, democrático, o funcionamento da OcupaMinCRJ se estruturou através de uma ocupação física, feita com barracas no mezanino do segundo e terceiro andar. Ela ocupou banheiros e a cozinha do Palácio transformando-a em uma cozinha coletiva, pensando em questões ecológicas e sustentáveis, como a exemplo das cozinhas do MST e MTST. Existia um grupo para pensar nas questões de infraestrutura e outro que pensava só nessa questão de alimentação. Não havia hierarquia e as pessoas transitavam entre os grupos se revezando. Dividiram espaço com a administração do Ministério, que não paralisou as atividades (nem era o objetivo dos ocupantes). Foi dada de forma pacífica, porém rigorosa em seus objetivos.

Com muita seriedade e usando as ferramentas que constituíam a sua subjetividade, como seus adereços, figurinos, vestimentas típicas da sua cultura, ocuparam o espaço de formalidade dos engravatados.

Conviveram no prédio tombado pelo patrimônio público, entre obras raras, como os painéis e azulejos de Portinari, de quem tomaram emprestado os símbolos das sereias, cavalos marinhos e estrelas, que representam até hoje os ocupantes que ali viviam ali

⁶⁵ Ver anexo 2 – Mini-Manual técnico para a comunicação OcupaMinC-RJ

considerando suas questões de gênero. O símbolo da OcupaMinCRJ é uma sereia com uma mão na cabeça e outro braço estendido, em uma releitura às sereias do painel do artista.

A própria família do Gustavo Capanema ficou comovida com a ressurreição e ressignificação do espaço, tomado por um processo que mágico, rico em simbolismos e afetos. A Cultura efervesceu pela mão da população, que prestigiou, frequentou, apoiou e deu vida àquele prédio. O movimento chegou como uma avalanche repentina mostrando o peso do seu conteúdo ocupando tudo, o prédio da administração da Cultura, a pauta política, a cidade, os atos (pois permaneceram frequentando todos os atos de causas progressistas com as bandeiras da OcupaMinCRJ), a Arte, a Cultura, a Comunicação, o imaginário...

Se apropriaram, ocuparam não só os salões e mezaninos com suas barracas; mas o *pilotis* no térreo com eventos diários. Fizeram da Produção Cultural de Eventos um dos seus diferenciais. Mobilizando um público gigantesco diariamente que aderiu cada vez mais à ideia e apoiava a causa dos ocupantes. O público recebia o recado sobre o que estava acontecendo em cada show/ato, acompanhava diariamente a sua programação através da página, tinha a oportunidade inclusive de acesso àquele espaço para apresentar seus trabalhos dividindo palco com artistas de renome como antes não fariam com a mesma facilidade.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível afirmar que o impeachment e a atitude de Michel Temer acabaram impulsionando a sociedade civil, e mais especificamente os indignados pela Cultura, a promover um hackeamento das estruturas formais e burocráticas de poder. Os novos sujeitos do discurso, que tiveram toda sua subjetividade negligenciada e invisibilizada pela nova gestão, através de metodologias de economia colaborativa, acabaram promovendo um efervescente Laboratório de Inovação Cidadã (Labic) em busca de soluções para criar o seu próprio modelo de governabilidade.

Nas ocupações de territórios físicos simbólicos como o Palácio Gustavo Capanema e o prédio do antigo Canecão na cidade do Rio de Janeiro, e também das mídias digitais, o que se deu foi um rico processo pedagógico, no uso de uma inteligência coletiva compartilhada. Através do repasse espontâneo de metodologias de diversos grupos e profissionais, que compunham ou passaram a interagir com a ocupação, criaram uma estrutura de sustentabilidade que possibilitou por quase quatro meses uma vivência imersiva e intensiva, na formulação de um modelo de convívio que deveria corresponder a conceitos e valores de uma utópica democracia plena. E buscou assim incremento na ampliação de suas redes: na produção de atividades que potencializaram uma formação sócio-político-cultural cada dia mais crítica e desalienadora, reformulando o entendimento desses sujeitos quanto ao seu próprio papel, o que lhes atribuiu autonomia mesmo vivendo em coletividade.

Assim, ainda que muitos sujeitos no fim das ocupações físicas não tenham permanecido fiéis ao mesmo projeto e objetivo comum que principiou essa ocupação, sabe-se que há o respeito e um vínculo que parte do afeto construído e de um hábito de cooperação mútua resultado desse exercício prático.

Na tentativa de contrapor esse Estado autoritário através do exemplo, os ocupantes acabaram encontrando além do que buscavam: tecnologias miscigenadas em vários campos do conhecimento - da arte, da cultura, das políticas públicas, da comunicação, do direito, etc - através de uma cultura P2P⁶⁶, peer to peer; não existiu uma seleção daqueles que podiam participar, e o próprio processo de cooperação é que revelava a capacidade de contribuir de cada um. Não havia filtro de referências ou pré-requisito, todos eram recebidos como “equipotenciais”.(BAUWENS, 2001).

⁶⁶Disponível em: <https://wiki.p2pfoundation.net/A_Economia_Pol%C3%ADtica_da_Produ%C3%A7%C3%A3o_entre_Pares#O_P2P_e_a_Hierarquia>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

Não houve planejamento para ocupar, as coisas aconteceram um tanto por osmose. Ainda sim, a OcupaMinC RJ foi assertiva, ao promover o reconhecimento, o mapeamento (ainda que informal e impreciso), a ativação e conexão de uma rede distribuída potente, permitindo um fluxo contínuo de trocas que se dá até hoje. E, em meio a uma escassez provocada, conseguiu perceber ali a abundância de recursos que já não só os palpáveis ou monetizados, mas o do capital cognitivo: “Nós somos a rede social”; “nós somos a mídia”; “ nós somos o MINC”; e, por fim, agora, “nós somos o recurso.” (BENTES, 2015; 2016; 2019)

Em um outro modelo de produção, nada voltada ao mercado, mas preocupada exatamente com a auto-representação e auto-organização dos “desorganizados” (BENTES, 2015), um tanto autofágica, pois produz e consome; segue aquela ordem do que se quer das políticas públicas de cultura: difusão e acesso. Os grupos sociais querem ter voz e também o direito de consumir o conteúdo que respeita essa representatividade. Sem a curadoria que se relaciona prioritariamente com as demandas de um mercado e com monetização, consistia em um espaço aberto e livre para os mais variados tipos de expressões. Celebidades e anônimos subiam no mesmo palco sem distinção.

Como saldo transformador, até hoje a OcupaMinC é uma grande rede progressista de arte, mídia e ativismo, um “midiativismo”. Foi efetiva em primeiro momento na pressão realizada para que houvesse a ressurreição do Ministério, mas, ainda sim, com a ausência do espaço público para o encontro perdeu força de articulação. O processo de sustentabilidade da ocupação física era muito baseado em uma economia de subsistência, com a passagem do “chapéu” e poucas vezes com a venda de insumos que davam retorno, ou por doações, mas não garantia um espaço longe da mão-forte do Estado.

Algumas ocupações que se mantêm vivas com sucesso se iniciam planejadas, como as ocupas de agricultura familiar do MST, ou espaços coletivos de arte, etc; mas o fato é que ainda que a logística feche o ciclo sustentável muitas estão sob vulnerabilidade. A OcupaMinC RJ teve um grande número de pessoas que se dedicou integralmente às suas atividades, mas o nível de produção de eventos e as questões logísticas como se deram consumiam muita energia. Os ocupantes vivem preparados para ocorrer a qualquer momento qualquer tipo de reintegração de posse, por exemplo. Era difícil dar conta de gerenciar tantas questões simultaneamente - ocupar, comunicar, produzir, etc - e cuidar ao mesmo tempo da segurança ou se colocar sob essa situação de imprevisibilidade.

Entre as pendências relatadas até aqui pelos membros da Ocupa - em planetárias ou em nossos reencontros - há a demanda de formulação de projetos para essa micro-sociedade, mais organizados dentro de uma relação de tempo viável, que poderia ser pensada tanto para um prédio como o Capanema. como para o Canecão, enquanto possíveis pólos culturais e ambientes de aprimoramento. E que o Canecão, como episódio a parte, na relação institucional com uma universidade pública federal como a UFRJ, poderia se transformar também em um espaço de integração entre as comunidades e o corpo acadêmico através do processo de extensão, enriquecendo os dois lados.

A criação do Manual de Metodologias da OcupaMinC é outra coisa que ficou em suspenso, e o documentário longa-metragem da OcupaMinC com entrevistas, para trazer a versão positiva também das ações de resistência, e não só do desmonte. É importante lembrar que foi através de um conteúdo similar que se iniciaram as ocupações das escolas secundaristas de São Paulo. O filme “A Rebelião dos Pinguins”⁶⁷, de Carlos Pronzatto retrata a ocupação de mais de um milhão de estudantes nas ruas e escolas do Chile E, a cartilha argentina “Mal-Educado”⁶⁸ - criada em 2012 pela “*Frente de Estudiantes Libertários*”, que voltou a circular depois das manifestações de 2013 em diversos blogs e sites, com os passos para se ocupar uma escola - serviram de inspiração para os estudantes de Diadema, e logo em seguida os de Fernão Dias, em São Paulo, que tomaram a decisão de ocupar.

Há a demanda de criação do grupo de estudos feministas, pois as Sereias interagem diariamente ainda hoje por chat de Whatsapp e Telegram, compartilhando entre si leituras de conjuntura diante das questões atuais, promovendo apoio e acolhimento também relacionado a questões de gênero, tem uma demanda de formação mais direcionada aos estudos sobre gênero e sexualidade para ampliar e aperfeiçoar sua atuação, que se dá ainda hoje nas ruas, nos atos, em performances, curtas-metragens, e até aqui na elaboração deste trabalho.

Um exemplo interessante desse repasse de metodologias é a ocupação dos ambulantes, na Garagem, da Praça Tiradentes, no Centro do Rio de Janeiro. Famílias de ambulantes que, cansados da criminalização diária, passaram a trabalhar no ambiente que consideravam mais seguro onde eram realizadas as atividades no Capanema e no Canecão,

⁶⁷PRONZATO, Carlos. Vídeo. ACABOU A PAZ, Isto aqui vai virar o Chile! Escolas Ocupadas em SP - de Carlos Pronzatto. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LK9Ri2prfNw> Acessado em 05 de novembro de 2017.

PRONZATO, Carlos. Vídeo. Revolta dos Pinguins. De 26 de dez de 2015 - Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8OCUMGHm2oA> Acessado em 06 de novembro de 2017.

⁶⁸Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124_salasocial_manual_ocupacao_escolas_rs Acessado em 03 de julho de 2019.

relatam que aprenderam hoje tudo o que sabem com a ocupação. Alguns passaram a compreender sua cidadania dentro da OcupaMinC. Começaram inclusive a se organizar em chats, onde compartilhavam informações sobre os eventos da cidade e posteriormente criaram também grupos de trabalho para realizar suas atividades. Eles realizaram a ocupação de um prédio público abandonado, pertencente à prefeitura, estabelecem moradia, e usam a garagem vizinha para realizar eventos de onde eles tiram o dinheiro para manter suas famílias, reduzindo assim a violência que sofrem pela criminalização em torno do trabalho informal que realizam na rua.

Outros exemplos são possíveis de citar, como as candidatas que surgiram posteriormente da Ocupação, com foco em ampliar o número de mulheres com participação nas políticas públicas; ou pessoas cuja arte passou a ter destaque depois da ocupação; ou outras que retornaram para os seus coletivos com outras tecnologias e outros entendimentos positivos.

E com relação a este trabalho, posso ressaltar que ele cumpre a meta de iniciar no âmbito da academia um registro sobre o que aconteceu desde 2016, permitindo que a memória da OcupaMinC RJ não se apague. No entanto, futuramente seria possível fazer um estudo mais aprofundado sobre a efetividade dos aspectos metodológicos da ocupação, olhando por vieses e campos diversificados; além de fazer entrevistas com os ocupantes, críticos, acadêmicos, autoridades, e uma pesquisa sobre os resultados para esses sujeitos. Fazer um clipping mais preciso sobre a Ocupa que se some ao levantamento feito por Bárbara Vida(2018) em sua tese de mestrado, analisando as produções audiovisuais e as informações estatísticas da página. Fazer uma leitura de dados numéricos que tratem a respeito de Cultura e ocupações no Brasil, e ou um comparativo que mostrasse os impactos desse desmonte para o setor. E, por último, fazer um levantamento nacional sobre os resultados das outras OcupaMinCs nos seus territórios.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUWENS, Michel. **A economia política da produção entre pares**. Disponível em: <http://www.p2pfoundation.net/A_Economia_Pol%C3%ADtica_da_Produ%C3%A7%C3%A3o_entre_Pares> Acesso em 03 de julho de 2019.

BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão. Estéticas da Comunicação e Biopolíticas**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2015.

_____, Ivana. Ocupa Tudo! Extinção, ressurreição e insurreição da Cultura. In: Renato Rovai. (Org.). **Golpe 16**. 1ed.São Paulo: Edições Fórum, 2016, v. 1, p. 104-117

_____, Ivana. Redes Colaborativas e Precariado Produtivo in Caminhos para uma Comunicação Democrática. Le Monde Diplomatique e Instituto Paulo Freire.São Paulo 2007

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Volume I. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____, Manuel. Medeiros, Carlos Alberto. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. 2013. Rio de Janeiro: Zahar.

DEMOCRACIA em Vertigem. Direção: Petra Costa. Rio de Janeiro: Netflix, 2019. (121 min.).

FARES, Barbara Vida Mefano. Corpos em estado permanente de revolta: vídeo/atos na Ocupa MinC RJ. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento. In: A cultura pela cidade. Teixeira Coelho (org.). - São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2008. p.15

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da cultura. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 5 – 7,

A REBELIÃO dos Pinguins. Direção: Carlos Pronzatto. Chile: 2007. (1h 16min).

SECCHI, Leonardo. Políticas Públicas – Conceitos, Esquema de Análise, casos Práticos. CENGAGE Learning. 2012, p. 34 - 40

SEREIAS. Direção: Bárbara Vida Mefano Fares. Rio de Janeiro: 2018. (15min.).

O PROCESSO. Direção: Maria Augusta Ramos. São Paulo: 2018. (2h 17min).

7 - ANEXO 1 - MANIFESTO OCUPAMINCRJ



Nós, ocupantes do Palácio Gustavo Capanema - sede do Ministério da Cultura no Rio de Janeiro, reiteramos que o movimento #OcupaMinC RJ não tem líderes. É uma articulação horizontal e coletiva.

Ocupações avançam!

Em respeito ao processo democrático do voto direto de milhões de brasileiros/as, exigimos que seja cumprido o mandato da presidente eleita até 2018.

Exigimos a saída imediata de Temer do governo!

A mobilização de milhares de artistas, agentes culturais, estudantes e trabalhadorxs de vários setores da sociedade pela garantia e o respeito à diversidade cultural brasileira, OCUPA os prédios do Ministério da Cultura em todos os 27 estados brasileiros, EXIGINDO a SAÍDA IMEDIATA do governo ilegítimo de Michel Temer.

O retorno do MinC, ao invés de ser uma vitória da nossa causa, representa mais um passo da ofensiva que se amplia a cada dia para todos os campos da sociedade. A estratégia é de retirar o pouco que temos para depois nos devolver meros ainda.

Não estamos aqui por um ministério! É pela cultura, é pela reforma agrária, é pela agricultura familiar, é pelas demarcações de terra e direitos indígenas e quilombolas, é pela igualdade racial, é pelos direitos das mulheres e LGBTs, é pela rede pública de comunicação, é pela educação pública de qualidade, é pelo Estado laico, é pelo SUS, é pelos direitos dos trabalhadorxs, é pela Democracia!

As ocupações nunca visaram o retorno do MinC. O que sempre exigimos é a retomada do Estado de direito, o retorno à democracia, à reconstrução da legitimidade, contra o golpe parlamentar, planejado com juristas e empresários, para implantar forçosamente um governo que nunca seria possível em um ambiente democrático.

Não estamos aqui para negociar pautas de agenda, mas sim para lutar, resistir e garantir as conquistas da democracia. É importante dizer abertamente: "Nenhuma das nossas reivindicações terá sido atendida enquanto o governo como um todo não cair." A posse de ministros, como o da Cultura, no Estado de Exceção que configura o atual golpe, significa apenas um recuo tático da parte desse governo, que visa ganhar tempo diante da evidência do seu fracasso.

A #OcupaMinC RJ recebe muitos artistas e instituições que se somam ao movimento de maneira espontânea e voluntária. Qualquer declaração contrária a esta causa não nos representa! Reafirmamos nosso posicionamento, já expresso no Manifesto Cultura pela Democracia.

Somos muitos e diversos, unidos por uma única pauta: FORA TEMER!

8 - ANEXO 2 - MINI-MANUAL TÉCNICO PARA A COMUNICAÇÃO OCUPAMINCRJ

Mini-Manual técnico para a comunicação OcupaMinCRJ

- Sempre que subir um vídeo para a página no Facebook subir **logo em seguida** para o Youtube
- Garantir o fluxo de página: 1 em 1 hora ou 1:30 e 1:30 hora, dependendo do ritmo do dia.
- Olhar **SEMPRE** as publicações programadas e as últimas postagens para não bater horário ou postar conteúdo duplicado sem querer
- Ter atenção ao conteúdo postado para não tocar em nenhum ponto ainda não definido, que não seja consenso ou polêmico para a Ocupação.
- **Não colocar em hipótese alguma** notícias/links de grandes portais da mídia hegemônica. Quando não houver jeito, colocar a partir do site <http://nao.usem.xyz/> :
-Copiar o link da reportagem; colar na lacuna “encurtar URL” e clicar em “prosseguir”
-Preencher o “captcha” e clicar em “Gerar”
- Responder a comentários raivosos com humor/amor/memes
- Não tolerar comentários de incitação ao ódio, seja machismo, homofobia, racismo ou qualquer outro...
- Sempre que puder atualizar o documento com o contato da imprensa no Google Drive.
- **SEMPRE** responder a grande mídia por e-mail.

Ai daqueles que pararem com sua capacidade de sonhar, de invejar sua coragem de anunciar e denunciar. Ai daqueles que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e o agora, se atrelarem a um passado de exploração e de rotina.

(Paulo Freire)

#ocupatudo